

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

JOÃO VITOR CUNHA LOPES

**AVALIAÇÕES (SOCIO)LINGUÍSTICAS SOBRE OS PRONOMES
PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA FALA DE
MARANHENSES**

BACABAL - MA

2023

JOÃO VITOR CUNHA LOPES

**AVALIAÇÕES (SOCIO)LINGUÍSTICAS SOBRE OS PRONOMES
PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA FALA DE
MARANHENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências de Bacabal (CCBa), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Santos

BACABAL - MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lopes, João Vitor Cunha.

Avaliações sociolinguísticas sobre os pronomes pessoais
de segunda pessoa do singular na fala de maranhenses /
João Vitor Cunha Lopes. - 2023.
118 f.

Orientador(a): Wendel Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão,
Bacabal, 2023.

1. Avaliação Sociolinguística. 2. Bacabal. 3. São
Luís. 4. Tu. 5. Você. I. Santos, Wendel. II. Título.

JOÃO VITOR CUNHA LOPES

**AVALIAÇÕES (SOCIO)LINGUÍSTICAS SOBRE OS PRONOMES PESSOAIS
DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA FALA DE MARANHENSES**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wendel Santos (UFMA)
Orientador/Presidente

Profa. Dr. Wellington Santos da Silva
Examinador Externo

Profa. Dra. Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro
(UFMA)
Examinador Interno

Profa. Dra. Cibelle Correa Béliche Alves
Examinador Externo

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
(UFMA)
Examinador Interno

À minha mãe, que sempre lutou por mim.

À Bruna, minha esposa, amiga e confidente.

AGRADECIMENTOS

O meu olhar é nítido como um girassol, / Tenho o costume de andar pelas estradas / Olhando para a direita e a esquerda / E de vez em quando olhando para trás.../ E o que vejo a cada momento / É aquilo que nunca antes eu tinha visto, / E eu sei dar por isso muito bem... / Sei Ter o pasmo essencial que tem uma criança / Se ao nascer, reparasse que nasceras deveras... / Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do Mundo [...]
(Alberto Caeiro)

Esta dissertação é o resultado de um longo trajeto percorrido, iniciado ainda na graduação. Ao chegar ao fim desta etapa, “sinto-me nascido” mais uma vez para a “novidade” que me espera daqui em diante, com um olhar mais nítido e tranquilo. Durante estes quase três anos, em que me dediquei ao Mestrado, o apoio de algumas pessoas foi essencial. Por isso, aqui, disponho-me a agradecer a todos que contribuíram de alguma forma para a concretização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, meu criador, pelo dom da vida e por me permitir chegar até aqui. À minha mãe, a pessoa que sempre trabalhou e se doou para proporcionar o máximo de tranquilidade para mim. Ela, que sempre me apoia em qualquer decisão, ensinou-me, do seu “jeito”, a não desistir dos sonhos. À Bruna, minha esposa, amiga, companheira, confidente, por ter me ensinado a lutar pelos meus sonhos, enfrentar os meus medos e por sempre sonhar comigo, desde a graduação.

Ao meu orientador, Wendel Santos, que sempre esteve disposto a me ajudar, desde a Graduação. Obrigado pela paciência, amizade, conselhos e correções. Obrigado por acreditar em mim. A todos os professores do Mestrado, pelo empenho e pelos conhecimentos transmitidos durante esta jornada. Por fim, aos informantes que dedicaram um pouco do seu tempo para contribuir com este estudo.

A todos,

Muito obrigado!

*“Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”*

Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)

RESUMO

Esta dissertação, apoiando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2006 [1966]; 2008 [1972]; Eckert, 2012; Oushiro, 2015, entre outros), propõe-se a analisar os metacomentários sobre o falar maranhense, com o intuito de acessar quais avaliações sociolinguísticas emergem do discurso dos falantes em relação ao discurso de que os maranhenses falam a melhor variedade do português brasileiro, tendo como foco de análise a variável linguística *pronomes pessoais de segunda pessoa do singular*, em especial a realização do pronome pessoal “tu”, considerada popularmente como uma característica peculiar do falar maranhense, responsável, em alguma medida, pela manutenção do discurso de que os maranhenses falam o melhor português, ao lado do pronome “você” que apresenta um crescente uso entre os ludovicenses (Alves 2010, Carneiro, 2011). Inicialmente, realizou-se uma análise de áudios e transcrições de entrevistas sociolinguísticas que compõem duas amostras de fala: ludovicense e bacabalense. A amostra ludovicense foi construída por Santos (2015), enquanto a bacabalense foi construída por Lopes (2019). Os resultados dessa análise evidenciaram que os bacabalenses não apresentaram muitos metacomentários tão explícitos sobre a sua própria forma de falar. Por outro lado, os ludovicenses, relativamente aos bacabalenses, foram muito mais produtivos quanto à apresentação de metacomentários sobre a sua forma de falar e evidenciaram, em alguma medida, a crença de que os maranhenses e, principalmente os ludovicenses, falam o melhor português do Brasil. Além disso, apresentaram a utilização do pronome “tu” como uma marca ludovicense. Alguns, ainda, apresentaram uma avaliação negativa sobre o uso do pronome “você”. A partir da análise inicial dessas entrevistas sociolinguísticas, propôs-se a construção de uma amostra de avaliações sociolinguísticas de bacabalenses, para fins de complementação da amostra bacabalense e comparação com a amostra ludovicense. Nesse sentido, elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturado que possibilite suscitar metacomentários sobre o falar maranhense, sobre algumas variáveis linguísticas, a fim de verificar se emerge, desses metacomentários, discursos sobre a forma de falar dos maranhenses. As análises dessas últimas entrevistas revelaram que, quando instigados mais diretamente sobre o discurso da supervalorização do português maranhense, os bacabalenses apresentam uma avaliação positiva desse discurso, assim como os ludovicenses. No entanto, sobre o uso dos pronomes, ainda que o uso do pronome “tu” tenha sido considerado como normal entre os bacabalenses, constata-se uma pequena vantagem da avaliação positiva do uso do pronome “você”. Por fim, ao comparar as avaliações sociolinguísticas de ludovicenses e bacabalenses, este trabalho colabora com a ampliação da descrição sociolinguística do português maranhense, especialmente, no sentido de apresentar como os maranhenses avaliam a sua própria variedade.

Palavras-chave: Avaliação Sociolinguística; Bacabal; São Luís; Tu; Você.

ABSTRACT

This master thesis, based on the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2006 [1966]; 2008 [1972]; Eckert, 2012; Oushiro, 2015, among others), proposes to analyze metacomments about the Maranhão dialect, in order to access what sociolinguistic evaluations emerge from the discourse of speakers in relation to the discourse that maranhense speak the best variety of Brazilian Portuguese, focusing on *the linguistic variable the second-person subject pronoun in singular*, especially the realization of the subject pronoun you "tu", popularly considered as a peculiar characteristic of the Maranhão dialect, responsible, to some extent, for the maintenance of the discourse that maranhense speaks the best Portuguese, alongside the subject pronoun you "você", which shows a growing use among the ludovicenses (Alves 2010, Carneiro, 2011). Initially, an analysis of audio and transcripts of sociolinguistic interviews that make up two samples of speech was carried out: ludovicense and bacabalense. The ludovicense sample was built by Santos (2015), while the bacabalense sample was built by Lopes (2019). The results of this analysis showed that the bacabalenses did not present many metacomments so explicit about their own way of speaking. On the other hand, the ludovicenses, relatively to the bacabalenses, were much more productive when it comes to presenting metacomments about their own way of speaking and showed, to some extent, the belief that maranhenses and, especially the ludovicenses, speak the best Portuguese in Brazil. In addition, they presented the use of the pronoun you "tu" as a ludovicense mark. Some, even, presented a negative assessment of the use of the pronoun you "você". Based on the initial analysis of these sociolinguistic interviews, it was proposed to build a sample of sociolinguistic assessments of bacabalenses, for the purpose of complementing the bacabalense sample and comparing it with the ludovicense sample. In this sense, a semi-structured interview script was developed that could elicit metacomments about the Maranhão dialect, about some linguistic variables, in order to verify if, from these metacomments, discourses emerge about the way maranhenses speak. The analyses of these last interviews revealed that, when more directly prompted about the discourse of the overvaluation of the Maranhão Portuguese, the bacabalenses present a positive assessment of this discourse, as well as the ludovicenses. However, on the use of subject pronouns, even though the use of the subject pronoun you "tu" has been considered as normal among the bacabalenses, there is a slight advantage of the positive assessment of the use of the subject pronoun you "você". Finally, by comparing the sociolinguistic assessments of ludovicenses and bacabalenses, this work contributes to the expansion of the sociolinguistic description of the maranhense portuguese, especially in the sense of presenting how maranhenses assess their own variety.

Keywords: Sociolinguistic Assessment; Bacabal; São Luís; Tu; Você.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	20
1.1. Os estudos de avaliação (socio)linguística	20
1.2 Estudos variacionistas sobre os pronomes pessoais de 2PS	34
2 CORPUS E MÉTODOS DA PESQUISA.....	45
2.1. A construção da amostra de avaliações sociolinguísticas de bacabalenses.....	49
3 ANÁLISE DAS AVALIAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS	53
3.1. Os metacomentários de ludovicenses	53
3.2. Os metacomentários de bacabalenses.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES.....	98
ANEXOS.....	101

INTRODUÇÃO

Esta dissertação associa-se a um conjunto de estudos sociolinguísticos variacionistas que se dedicam a analisar as reações subjetivas conscientes ou não sobre as variedades do português brasileiro e/ou determinadas variantes linguísticas, sejam estudos que se denominam de atitudes linguísticas (Cf. Alves, 1979; Leite, 2004; Cardoso, 2015 [1989]) ou aqueles se voltam a investigar as percepções sociolinguísticas dos falantes (Cf. Oushiro, 2015; Mendes, 2018; Carvalho, 2019; Santos, 2020; Lopes; Oliveira; Carvalho, 2022), ou, ainda, aqueles se dedicam a analisar as reações subjetivas conscientes por meio da análise de metacomentários explícitos (Cf. Oushiro, 2015; 2021a; 2021b; Bento, 2021; Lopes, 2022). O presente trabalho se alinha metodologicamente a essa última proposta e se propõe a investigar as avaliações sociolinguísticas de maranhenses sobre a sua própria variedade linguística, partindo do discurso popular de que no Maranhão se fala “um bom português”.

De fato, para muitos brasileiros, as pessoas que falam “o português mais correto” encontram-se no Estado do Maranhão. Por isso, esse discurso ainda é bastante difundido no cotidiano, nas mídias e nos jornais. Na internet, por exemplo, há algumas publicações¹ e metacomentários, de maranhenses ou não, que endossam esse discurso. No senso comum, acredita-se que, realmente, há uma variedade linguística ou um lugar onde os falantes utilizam a língua portuguesa de uma forma mais correta².

¹ É no Maranhão que se fala o melhor português do Brasil? Disponível em: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 03 set. 2023.; O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão? Disponível em: <https://fabioprocopio.wordpress.com/2009/08/11/o-lugar-onde-melhor-se-fala-portugues-no-brasil-e-o-maranhao/>. Acesso em: 03 set. 2023. Projeto identifica expressões orais típicas do Maranhão. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/09/projeto-identifica-expressoes-orais-tipicas-do-maranhao.html>. Acesso em: 03 set. 2023.

² Nessa visão popular, sustenta-se a ideia de que haveria uma “língua boa”, uma língua mais correta (Preston, 2004, p. 64).

Um dos registros mais antigos acerca de afirmações dessa natureza é feita no ano de 1891, quando o Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, em sua obra *Poranduba Maranhense*³, ao tratar sobre alguns costumes dos habitantes do Estado do Maranhão, à época ainda uma província, escreveu que os maranhenses utilizavam a língua portuguesa, língua corrente no país; um português “[...] com um certo metal de voz, que o [a] faz muito agradável ao ouvido” (Maranhão, 2012 [1946], p. 168). Essa afirmação de Prazeres Maranhão revela uma avaliação positiva do modo de falar dos maranhenses da época e põe em evidência os aspectos prosódicos da fala maranhense, o que, hoje, talvez fosse explicado pela crença de que “os maranhenses não têm sotaque⁴”, comumente difundida entre os maranhenses e até fora do Estado.

Em 1965, Serra, interventor do Maranhão no período conhecido como Era Vargas (1930-1945), tece alguns metacomentários tanto sobre a fisionomia da cidade São Luís quanto sobre o culto à língua portuguesa. Além de mencionar sobre a beleza das janelas, sacadas e casas, Serra (1965, p. 17) enfatiza que, “S. Luís é uma terra onde se amam os versos, os recitativos, a oratória, as tertúlias literárias e onde existe verdadeiro culto pela arte de dizer e de escrever”, lugar onde se discute sobre o vernáculo.

Além disso, “discute-se gramática com a mesma paixão com que se discute política” e, por vezes, “ferrenhas inimizades” são ocasionadas pela “simples colocação de pronome, ou por uma regrazinha de sintaxe...” (Serra, 1965, p. 17). O autor ainda explica que todas essas características derivariam principalmente de muitos maranhenses que se deslocaram a Portugal para estudar. Coimbra foi o lugar em que “estudaram gerações e gerações de maranhenses, que foram seus filósofos, seus matemáticos, seus botânicos,

³ Obra citada aqui pela 3ª edição.

⁴ “É possível que qualquer falante (que não seja um linguista) acredite-se ‘sem sotaque’ – uma qualidade que pode ser mais facilmente atribuída ao ‘outro’” (Santos, 2015, p. 47).

seus romancistas⁵, seus poetas, seus polígrafos de renome” (Serra, 1965, p. 17).

Comenta que “o que surpreende a quem nos visita é modo acurado de falar de nossa gente. Não há *gírias* em uso, corrompendo a língua. Há sim muito apuro no dizer” (Serra, 1965, p. 18), indicando que os ludovicenses teriam, em certa medida, uma consciência linguística coletiva, e até de certo modo uma padronização/normatização linguística, que fizesse com que os ludovicenses usassem certas formas consideradas mais “bonitas” de se ouvir. Serra (1965, p. 18) entendia que a desordem da época futilizava⁶ “a mentalidade popular”, no entanto, havia, ainda “um estranho apêgo às tradições⁷”.

Anos depois, ainda no século XX, Honório do Couto (1986, p. 50 *apud* Santos, 2015, p. 46) também enfatiza que, “em outros termos, em São Luís se fala ‘bom português’ porque a linguagem de lá é mais parecida com a de Portugal, a qual foi levada para lá no passado”. Nota-se, portanto, que o modo de falar do maranhense se dá muito pelas características lusitanas cultivadas no Estado. Essas citações dos séculos XIX e XX revelam o quanto antigo é esse discurso.

Mais atualmente, na internet, é possível encontrar diversos debates, metacomentários e avaliações explícitas sobre o modo de falar dos maranhenses. As avaliações da fala maranhense são, geralmente, de duas ordens: (i) o maranhense fala um bom português (Figura 1); (ii) é o ludovicense

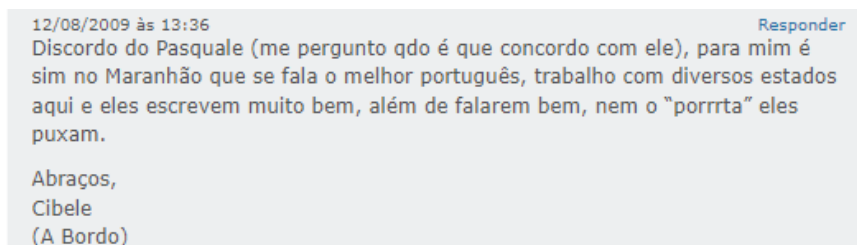
⁵ A ascensão de uma elite econômica, cultural e, principalmente, literária, após a independência do Brasil, fez surgir um “projeto” que se denominou de Athenas Brasileira. “A evocação de uma ‘Athenas Brasileira’ nasceu a partir de seu passado de fortes raízes lusitanas, cultuando métrica, clássicos da literatura portuguesa e hermetismo lingüístico [...]” (Borrvalho, 2009, p. 35). Grandes nomes como o de Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, Sousândrade, Maranhão Sobrinho, Maria Firmina dos Reis, Aluísio Azevedo, Ferreira Gullar, entre muitos outros, ainda fazem ecoar a literatura e a cultura maranhense pelo país.

⁶ No trecho original do livro, o autor utiliza a palavra “futibolizar”.

⁷ “A mesma alma romântica dos séculos passados redivive por ali. Qualquer fedelho ginasião fala de improviso; faz citações clássicas; escreve e recita seus próprios versos. Nos bancos de avenida, ou nos jardins, ou nos bares e cafês, há, infalivelmente, um grupo de jovens discutindo acaloradamente temas literários. Formam-se ‘grêmios’, ‘centros’, ‘academias-mirins’; jornaizinhos para movimentar atividades intelectuais” (Serra, 1965, p. 18).

quem fala o melhor português, não todos maranhenses (Figura 2 e 3), conforme apontam as figuras a seguir:

Figura 1: Comentário extraído do Blog Fábio Procópio

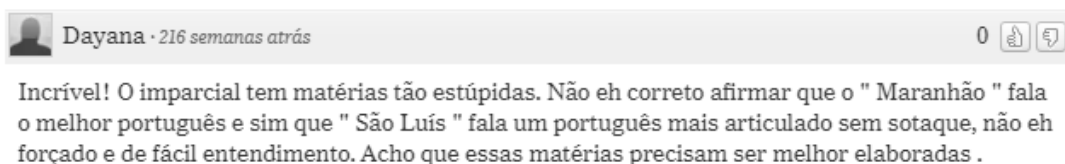


Fonte: <https://fabioprocopio.wordpress.com/2009/08/11/o-lugar-onde-melhor-se-fala-portugues-no-brasil-e-o-maranhao/>. Acesso em: 03 set. 2023.

A figura 1, acima, apresenta um comentário feito em um dos textos publicados no Blog do Fabio Procópio, no ano de 2009. O texto em questão trata sobre a discussão de quem fala o melhor português, tendo como título: *O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão?* Ele faz algumas considerações sobre o desenvolvimento econômico do Maranhão no XVIII e dos movimentos literários da época, apontando-as como possíveis justificativas para o mito sobre o melhor português. Por fim, apresenta o livro “Preconceito de Linguístico”, de Marcos Bagno, e trechos de uma entrevista com o professor Pasquale Neto, com intuito de desmistificar esse mito.

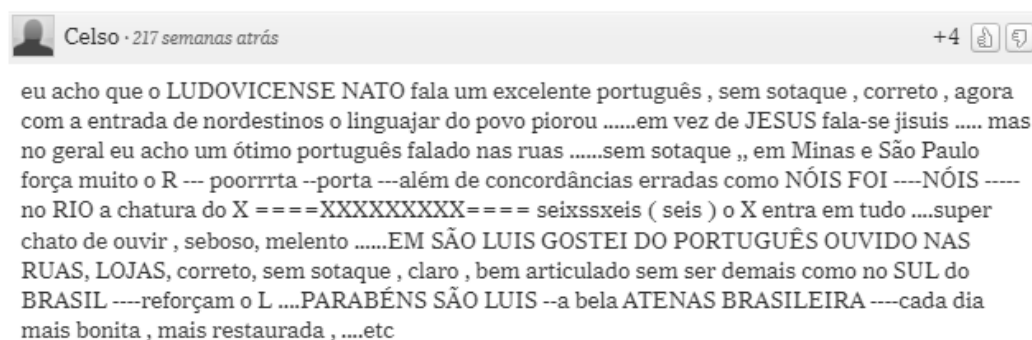
Em resposta a essas considerações, Cibele comenta que não concorda com o professor Pasquale e afirma que, “para mim é sim no Maranhão que se fala o melhor português”. Ela enfatiza que trabalha com pessoas de diversos Estados e entende que aqui, no Maranhão, as pessoas “escrevem muito bem, além de falarem bem, nem ‘porrrta’ eles puxam”. Supõe-se que essa última observação esteja relacionada à pronúncia da variante retroflexa de r em coda silábica, que se apresenta como um estereótipo atribuído à fala de pessoas de periferia e do interior de SP, além de ser um estereótipo comumente associado à fala de sulistas (Cf. Oushiro, 2015), não sendo, portanto, uma característica da fala maranhense.

Figura 2: Comentário extraído do site O Imparcial



Fonte: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 03 set. 2023.

Figura 3: Comentário extraído do site O Imparcial



Fonte: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/04/e-no-maranhao-que-se-fala-o-melhor-portugues-do-brasil/>. Acesso em: 03 set. 2023.

As figuras 2 e 3 foram extraídas da aba comentários do site do jornal maranhense O Imparcial. Os comentários foram formulados em resposta à desmistificação que o site faz sobre o mito da fala maranhense. O texto apresentado pelo site, publicado em 2018, cujo título é “*É no Maranhão que se fala o melhor português do Brasil?*”, apresenta as mesmas considerações econômicas e literárias apresentadas no Blog do Fábio Procópio, que justificariam o mito.

Em ambos os comentários, diferentemente do comentário apresentado na figura 1, a defesa é a de que não são todos os maranhenses que falam o melhor português. Os internautas Dayana e Celso deixam claro que é o ludovicense nato quem fala o português mais correto, sem sotaque, sem gírias. Na figura 2, Dayana expressa sua surpresa e indignação com a afirmação de que é o maranhense quem fala o melhor português. Ela argumenta que, na verdade, é em São Luís que se fala um bom português, pois a fala dos ludovicenses é mais articulada, sem sotaque, natural e de fácil entendimento: “mais articulado sem sotaque, não eh forçada e de fácil entendimento”. Esse

comentário ratifica a ideia apresentada por Maranhão (1946), em 1891, de que o português do Maranhão tem um metal de voz que soa agradável.

Na figura 3, Celso segue a mesma linha de avaliação positiva e enfatiza que, sim, o ludovicense fala um bom português, “articulado”, “sem sotaque”, “correto” e “claro”. No entanto, esse comentário se mostra um pouco mais enfático, pois ainda retrata que a entrada de nordestinos, ou seja, pessoas advindas de outros Estados do nordeste, teria “piorado” o linguajar do povo, revelando a existência do que poderia chamado de “*purismo gramatical*” (Rey, 2011 *apud* Lucchesi, 2015, p. 68, grifos do autor).

Dessa forma, depreende-se desse discurso popular que, conforme apontado acima, são os ludovicenses que falam a melhor variedade do português brasileiro, não todos os maranhenses. Desse modo, infere-se que falantes de outras cidades do Estado estariam mais distantes dessa variedade. É isso que sugerem as afirmações sobre o português falado no Maranhão, na medida em que a capital, São Luís, é apontada. Dizendo isso de outro modo, pode-se afirmar que há uma crença de que os ludovicenses seriam mais sensíveis à norma padrão da língua do que as pessoas que residem em outras cidades do estado do Maranhão.

Em entrevistas sociolinguísticas, também aparecem avaliações nesse sentido, tais como os dois exemplos, a seguir, extraídos de Santos (2015, p. 47). O primeiro exemplifica que essas avaliações também são veiculadas fora do Estado. Trata-se de um excerto transcrito de uma das entrevistas do Projeto SP2010⁸. O segundo exemplo traz a avaliação de um informante ludovicense. De um lado, o maranhense fala o português mais correto, de outro, o ludovicense fala o melhor português:

⁸ MENDES, R.B.; OUSHIRO, L. (2013) Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana. Disponível em: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>. Acesso em: 22 ago. 2023. O Projeto SP2010 reúne entrevistas realizadas com 60 sujeitos nascidos e criados na cidade de São Paulo.

(1) S1: e você tem o nordestino que vem com aquele sotaque tão gostoso... **né e o maranhense que fala um português acho que o mais correto do Brasil** né talvez por ter sido colonizado pelos portugueses depois teve aqueles episódios das invasões holandesas e francesas e tudo.

(SPM3S-NiltonR.)⁹

(2) D1: tu me disseste que que as pessoas reconheceram que tu era ludovicense até falar né

S1: é

D1: eles acham que a gente fala...

S1: eles acham que a gente fala cantando

S1: eles falam que a gente fala cantando

D1: tu acha isso também?

S1: eu acho que a gente fala muito bem a gente fala explicadinho detalhado

S1: a gente fala muito bem

D1: não cantado né

S1: não cantado

D1: tá certo

(SLM2B-OsvaldoS.)

Os trechos destacados acima, que revelam certas avaliações linguísticas, são relevantes porque não se coadunam aos resultados alcançados pelo estudo de produção linguística de falantes maranhenses realizado por Alves (2010), que se dedicou a analisar a realização de *pronomes de pessoas de segunda pessoa do singular*, tu e você, cuja hipótese central era de que os maranhenses, de um modo geral, tenderiam a apresentar “uma difusão bastante maior do *tu* sobre o *você*” (Alves, 2010, p. 68). Em sua pesquisa, a autora evidenciou que os ludovicenses realizaram mais formas pronominais de segunda pessoa com você (52,2%). Esse resultado importa porque parece mostrar que a produção linguística não necessariamente acompanha a avaliação/percepção, considerando o discurso popular e o uso

⁹ S1 refere-se ao Informante. Os códigos entre parênteses, logo após o trecho da entrevista indicam a cidade do informante (São Luís), o sexo/gênero (Masculino), a faixa etária (3, para informantes com 60 anos ou mais) e seu nível de escolaridade (S, para ensino superior).

esperado da marca linguística de segunda pessoa *tu*¹⁰. A referida autora evidenciou, ainda, que cidades mais distantes da capital como Bacabal, por exemplo, utilizaram mais a forma pronominal *tu* (56,5%).

Desse modo, se aparentemente não há uma relação direta entre produção e avaliação linguística, era de se esperar que a forma linguística *tu* (com ou sem concordância verbal) não aparecesse nas avaliações de ludovicenses quando perguntados sobre quem eles acham que falam o melhor PB. Por outro lado, por exemplo, era de se esperar que bacabalenses fizessem a referência a esse pronome quando igualmente solicitados a justificar a pergunta sobre quem fala o melhor PB.

Portanto, interessa acessar as avaliações de ludovicenses e bacabalenses acerca do português falado nas duas cidades, a fim de que se verifique se hipóteses da ordem do que se apresenta no parágrafo acima se comprovam, no sentido de se estabelecer os padrões dessas avaliações. Diante dessa discussão, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2006 [1966]; 2008 [1972]; Eckert, 2012; Oushiro, 2015), esta pesquisa se propõe a analisar os metacomentários sobre o falar maranhense, com o intuito de acessar quais avaliações emergem do discurso dos falantes de duas cidades, Bacabal e São Luís. Para tanto, inicialmente foram analisadas qualitativamente 38 entrevistas sociolinguísticas de duas amostras da fala maranhense: 26 ludovicenses (Santos, 2015) e 12 bacabalenses (Lopes, 2019). Em seguida, a partir dessa análise inicial, recorreu-se à construção de uma amostra de fala específica de avaliações sociolinguísticas de bacabalenses, a fim de complementar a amostra construída por Lopes (2019).

¹⁰ Ainda que as gramáticas normativas indiquem que o pronome *você* possa ser utilizado para se referir a sua segunda pessoa do discurso (Cf. Bechara, 2009, p. 165; Lima, 2021, p. 386), e linguistas apontem para o fato de que esse pronome esteja ganhando espaço no português brasileiro (Cf. Câmara Junior, 1992; Soares, 1980; Menon, 1995; Alves, 2010; 2015, entre outros), o pronome *tu* ainda é muito produtivo em algumas regiões do país e recebe avaliações positivas por parte dos falantes, como é caso do Maranhão. Enfatiza-se que, não se pretende, aqui, analisar a produção linguística dos maranhenses, mas as avaliações sociolinguísticas que emergem dos metacomentários desses falantes, especialmente, a respeito da variação de pronomes de segunda pessoa do singular.

Desse modo, este trabalho objetiva responder às seguintes questões: Que tipos de avaliações sociolinguísticas sobre a fala maranhense são produzidas por residentes das cidades de São Luís e Bacabal? Ludovicenses e bacabalenses apresentam diferenças entre essas avaliações? Ludovicenses e bacabalenses (maranhenses) se identificam como falantes de um melhor português? Ludovicenses e bacabalenses apresentam o pronome tu (com ou sem concordância verbal) como uma suposta justificativa para a manutenção do discurso da supervalorização da variedade maranhense?

Se, por um lado, a escolha por São Luís se justifica com base em tais crenças linguísticas apresentadas tanto por ludovicenses como por pessoas de outros estados (vide, por exemplo, os comentários feitos por um paulistano, transcritos na página 17), por outro lado, a escolha por Bacabal se dá em virtude de sua estratégica localização geográfica, que conduz à capital, São Luís, pessoas de vários outros Estados (Lopes, 2019). Considerada como uma das cidades mais importantes do estado, principalmente pela localização central no Estado, assim como a presença de bancos públicos e particulares, empresas e clínicas médicas, que atendem toda a região Mearim, o IBGE¹¹, de acordo com o censo de 2022, aponta que Bacabal tem uma população de 103.711 pessoas e está entre as 300 cidades mais populosas do país, ocupando o 9º lugar no Maranhão.

Soma-se a isso, ainda, o resultado sobre os falantes bacabalenses (Alves, 2010), apresentado acima, e o fato de Bacabal ter sido um dos lugares mais povoados por migrantes entre os anos de 1930 e 1970 (Ferreira, 2015), o que talvez ajude a explicar a dinâmica sociolinguística da cidade. Além desta introdução, que apresenta um breve resumo do que será tratado a seguir, este trabalho está organizado da seguinte maneira: o capítulo 1, a seguir, vai tratar dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972], Eckert, 2012), com enfoque em estudos de avaliação sociolinguística (Oushiro, 2015; 2021a; 2021b; Freitag *et al.* 2015; 2016). Além disso, resenham-se alguns estudos sobre os *pronomes pessoais*

¹¹ Cf. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/bacabal/panorama>. Acesso em: 02 set. 2023.

de segunda pessoa do singular (Alves; 2010; 2015; Carneiro, 2011, dentre outros). Discute-se como os correlatos subjetivos são relevantes para se compreender aspectos sobre a identidade linguística dos falantes. Busca-se, ainda, a partir da resenha de alguns trabalhos sobre o português maranhense, evidenciar o quanto é complexa a variação dos pronomes pessoais à segunda pessoa. Em seguida, no capítulo 2, apresenta-se a metodologia utilizada e o detalhamento dos corpora. No capítulo 3, reportam-se os resultados das análises realizadas a partir dos dados extraídos das amostras de fala de Santos (2015) e Lopes (2019). Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências que basearam a realização deste estudo.

1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresenta-se uma discussão sobre a relação e a importância dos estudos de produção, avaliação e percepção sociolinguística, com atenção especial aos estudos de avaliação. Evidencia-se a contribuição dos estudos de avaliação que tomam como objeto de análise as atitudes e os metacomentários que falantes produzem sobre a sua própria variedade linguística. Dá-se o nome de variedade¹² linguística “à fala característica de determinado grupo” (Coelho *et al.*, 2015, p. 14); um conjunto heterogêneo de características linguísticas compartilhadas que possibilitam a identificação de um grupo.

O presente trabalho se propõe a analisar a variedade linguística maranhense; uma das variedades que mais recebem avaliações positivas no que diz respeito à ideia de que representaria o melhor português falado do Brasil. A seguir, além de apresentar a perspectiva dos estudos de avaliação, revisitam-se alguns estudos sobre a realização *dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular* (doravante, pronomes pessoais de 2PS).

1.1. Os estudos de avaliação (socio)linguística

A premissa básica dos estudos variacionistas considera que toda língua é heterogênea, devido à presença da variação linguística (formas variantes concorrentes), e estabelece que não existe apenas uma forma linguística para referir-se a um mesmo significado ou expressão, em um determinado contexto de uso concreto da língua, constituindo-se, assim, o que se denomina de variantes linguísticas (Labov, 2008 [1972]). Ao conjunto de variantes linguísticas, dá-se o nome de variável dependente, cujo emprego não acontece de modo aleatório, mas motivado por variáveis independentes de natureza social ou estrutural (Labov, 2008 [1972]).

¹² Dialeto, falar e modo de falar são alguns sinônimos.

Tradicionalmente, os estudos sociolinguísticos variacionistas se dedicam a analisar diversos fenômenos linguísticos variáveis. Em sua maioria, esses estudos buscam descrever a produção linguística dos falantes por meio da correlação entre variáveis linguísticas e sociais (variáveis independentes) e uma gama de variáveis sociolinguísticas (variáveis dependentes) de todos os níveis da língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo), indicando, assim, por meio de frequências e proporções, os padrões gerais dos usos linguísticos de indivíduos de diversas comunidades de fala. Destacam-se, aqui, alguns estudos de produção linguística mais representativos (Cf. Bortoni-Ricardo, 2011 [1985]; Scherre, 1988; Vieira, 1995; Carvalho, 1997; Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009; Alves, 2010; 2015; Fiamengui, 2011; Brandão; Vieira, 2012; Ribeiro, 2013; Oushiro, 2015; Santos, 2015; Teixeira, 2017; Lopes, 2019).

Mais recentemente, os pesquisadores brasileiros têm se voltado a realizar pesquisas que buscam analisar as inferências feitas pelos falantes de uma língua ao ouvir outro falante, podendo ser conscientes ou não (Cf. Oushiro, 2015; Soriano, 2016; Mendes, 2018; Carvalho, 2019; Santos, 2020; Lopes; Oliveira; Carvalho, 2022). Do mesmo modo, pesquisas que se debruçam sobre as reações subjetivas conscientes por meio da análise de metacomentários explícitos também têm ganhado atenção de estudiosos brasileiros (Cf. Oushiro, 2015; 2021a; 2021b; Lopes, 2022). Metodologicamente, esses estudos têm buscado diálogo com áreas experimentais, como por exemplo, a Psicologia Social. Os conceitos de avaliação e percepção, segundo Oushiro (2021a), diferenciam-se apenas em relação ao grau de atenção que os indivíduos podem ter diante de determinados traços linguísticos.

Os estudos que se valem do conceito de avaliação empregam métodos de pesquisa mais diretos, como realizar perguntas específicas a respeito de variantes linguísticas; por sua vez, os estudos que se utilizam do conceito de percepção aplicam métodos mais indiretos com intuito de capturar reações subjetivas e inconscientes dos participantes quanto a línguas e/ou variantes

linguísticas. Nesta pesquisa, realiza-se uma discussão sobre a relevância do componente avaliativo nos estudos sociolinguísticos.

Labov (2008 [1972], p. 150), ao definir o conceito de comunidade de fala, entende que não se trata apenas de um comum acordo entre os indivíduos evidenciado pelo compartilhamento de elementos linguísticos, “mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”, ou seja, o ponto central no reconhecimento de uma comunidade fala diz respeito às normas que os indivíduos de um determinado grupo compartilham, ainda que inconsciente. Além disso, essas normas podem “ser observadas em tipo de comportamento **avaliativo explícito** e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (Labov, 2008 [1972], p. 150, grifos nossos).

Observa-se, a partir dessa conceituação, o elemento avaliativo, discussão central deste estudo, como parte importante nos estudos sociolinguísticos. Guy (2012, p. 18) é mais preciso ainda a respeito do componente avaliativo, quando depreende que as normas compartilhadas são “**atitudes em comum sobre o uso da língua**, normas em comum sobre a direção da variação estilística, **avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas**” [grifos nossos]. Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), ao proporem princípios empíricos para o estudo da mudança linguística, tratam sobre cinco problemas a serem resolvidos, quais sejam: o Problema dos Fatores Condicionantes, o Problema da Transição, o Problema do Encaixamento, o Problema da Avaliação e o Problema da Implementação (Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 121-126). Dentre eles, está o problema da avaliação, que diz respeito à investigação de correlatos subjetivos e níveis de consciência social que os falantes têm de variantes de uma variável linguística. Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 103) entendem que

o estudo do problema da avaliação na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo.

Em linhas gerais, o exame da avaliação linguística permite observar, por exemplo, em que medida um falante é consciente da utilização de determinadas variantes linguísticas, bem como suas crenças, atitudes e opiniões acerca dessas variantes. Em outras palavras, analisar como os falantes avaliam formas linguísticas, segundo Lucchesi (2015, p. 32), pode esclarecer, por exemplo, “[...] a potencial implementação de uma mudança linguística [...]”. Como exemplo disso, pode-se aventar que, se uma determinada variante inovadora receber uma forte avaliação negativa por parte dos falantes, “um potencial processo de mudança tende a se retrair” (Lucchesi, 2015, p. 32).

Freitag *et al.* (2015, p. 70, grifos nossos) enfatizam que o problema da avaliação “se torna central para se averiguar como as variáveis linguísticas assumem significado **identitário regional**”, proporcionando o entendimento de estratificações regionais, como é o caso deste estudo, que se ocupa em analisar duas variedades específicas do português maranhense. Entender como os falantes avaliam a sua própria fala e a do outro pode revelar também aspectos relacionados à identidade desses falantes, tendo em vista que, para Mendoza-Denton (2002, p. 475 *apud* Oushiro, 2019, grifos nossos), identidade pode ser definida como “**a negociação** ativa da relação de um indivíduo com construtos sociais mais amplos, na medida em que essa negociação é sinalizada através de **meios linguísticos** e outros **meios semióticos**”. Em face desse entendimento, que a identidade de uma pessoa é construída a partir de negociações com outras pessoas, busca-se examinar em que medida a variação dos pronomes pessoais de 2PS compõe a identidade linguística dos maranhenses.

Ainda em relação ao conceito de identidade, Pagotto (2001), ao analisar a variedade linguística da cidade de Florianópolis – SC, partindo de uma articulação entre a Sociolinguística Variacionista e a Análise do Discurso, aponta que “o que seria constitutivo das línguas não é ‘a necessidade de um pluralismo cultural’, mas o próprio jogo dos sujeitos pela apropriação do sistema lingüístico para nele inscreverem suas marcas de identidade [...]”, as

quais seriam frutos de pressões ideológicas, “[...] que nos fazem ‘mesmos’ e ‘diferentes’, segundo a posição constituída: assim, ora se é brasileiro, ora se é de classe média, ora se é nativo, ora se é de fora” (Pagotto, 2001, p. 61).

Em um estudo sobre percepções sociolinguísticas de universitários, Freitag *et al.* (2016, p. 65) deixam claro que “não basta saber como o brasileiro fala; é preciso também conhecer ‘como o brasileiro acha que fala’”. Dizendo de outro modo, é necessário ir além dos estudos de produção linguística para que se entenda um pouco mais sobre a complexidade da variação linguística e dos significados sociais que possam estar associados a certas variantes. Desse modo, faz-se necessário entender o que os falantes pensam sobre determinados traços linguísticos.

Por sua vez, Oushiro (2015, p. 32) entende que “análises de avaliação e de percepção parecem mais adequadas para investigar os tipos de associações que os falantes estabelecem entre as variáveis linguísticas e categorias sociais”. Os estudos que se ocupam em analisar avaliações e percepções evidenciam o “quão automáticas e sistemáticas são as associações feitas pelos ouvintes entre determinados usos linguísticos e certos significados sociais” (Oushiro, 2021a, p. 323). Isso mostra o quanto a língua é dinâmica e está correlacionada ao contexto social.

Enfatiza-se que o presente estudo segue a distinção conceitual entre avaliação e percepção linguística¹³ proposta por Oushiro (2015). Essa diferenciação é crucial para se entender as contribuições de um estudo de avaliação linguística. Para ela, a perspectiva da avaliação refere-se “ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, o que constitui um objeto de estudo por si só”, por sua vez, os estudos de percepção estariam

¹³ Sene (2019, p. 317) afirma que “os estudos de percepção e avaliação buscaram nos trabalhos de atitudes linguísticas, ou mais especificamente na técnica de matched-guise, caminhos para aperfeiçoarem seus objetivos e metodologias. O contato entre esses três domínios (percepção, avaliação e atitudes) resultou em pontos de intersecção, uma vez que os estudos de avaliação e percepção, dentro da empreitada sociolinguística, podem ser interpretados como desdobramento dos estudos de atitudes linguísticas inaugurados por Lambert *et al.* (1960)”. Entende-se também, a partir de Oushiro (2021a), que o Problema da Avaliação, conforme apresentado por Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), é um tópico maior que abarca tanto avaliações como percepções, diferenciando-se, por questões metodológicas.

interessados nas “inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes” (Oushiro, 2015, p. 32). Ou seja, de um lado, o pesquisador tem a possibilidade analisar reações subjetivas conscientes, metacomentários explícitos, perspectiva de análise desta pesquisa, de outro, as reações subjetivas conscientes ou não¹⁴.

A partir da perspectiva do problema da avaliação, Labov (2008 [1972]) estabelece três categorias que indicam o grau de consciência que um falante tem de um determinado fenômeno linguístico: *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*. Os *indicadores* referem-se a variáveis que apresentam uma diferenciação conforme a idade e o grupo social, não apresentam variação estilística, estão abaixo do nível da consciência dos falantes e, por isso, não são alvo de metacomentários; “[...] parecem ter pouca força avaliativa” Labov (2008 [1972], p. 360). Um exemplo de indicador é a monotongação dos ditongos: peixe/peixe. Os *marcadores* dizem respeito a variantes que apresentam variação estilística e social e, ainda que estejam abaixo do nível da consciência, os falantes apresentam certas reações subjetivas, como é o caso das variantes estudadas aqui: tu e você . Os *estereótipos*, por sua vez, podem ser exemplificados a partir de variantes que recebem metacomentários e grande estigma por parte dos falantes, como é o caso da concordância verbal e da concordância nominal não padrão no português brasileiro¹⁵. Em relação aos estereótipos, Labov diz que:

Um estereótipo social é um fato social, parte do conhecimento geral dos membros adultos da sociedade. Isso é verdade mesmo quando o estereótipo não corresponde a nenhum conjunto de fatos objetivos. Os membros da comunidade de fala se referem aos estereótipos e falam sobre eles; podem ter um rótulo geral e uma frase característica que serve igualmente bem para identificá-lo (Labov, 2008 [1972], p. 360).

¹⁴ Uma das formas de suscitar reações inconscientes dos ouvintes é a técnica chamada *de matched-guise* ou estímulos pareados, desenvolvido por Lambert *et al.* (1960, apud Mendes, 2017). Além dessa técnica, há outros métodos que ajudam na tarefa de verificar reações inconscientes como a técnica *verbal-guise* e a técnica *Teste de Associação Implícita*, dentre outros (Cf. Oushiro, 2021a).

¹⁵ Scherre (2005, p. 20) afirma que “quem deixa de fazer concordância de número é normalmente chamado de burro, ignorante, porque, afirma-se, ‘não sabe falar’”.

A partir de estudos realizados na cidade de Nova York, Labov (2008 [1972], p. 357), constata que “falantes que exibem o mais alto índice de uso de um traço estigmatizado em sua própria fala espontânea apresentam a maior tendência a estigmatizar os outros pelo uso dessa mesma forma”, isto é, os mesmos falantes que utilizam amplamente uma variante estigmatizada também são aqueles falantes que tendem a estigmatizar outros falantes pelo uso da mesma variante.

Eckert (2012), a partir de um estudo em que se propõe a ampliar o escopo da pesquisa sociolinguística por meio da análise do significado social da variação, apresenta uma “categorização” denominada de três “ondas” dos estudos variacionistas. De um modo geral, as três ondas dos estudos sociolinguísticos se relacionam, não exclusivamente, às perspectivas de estudos de produção, avaliação e percepção linguísticas.

Os estudos que buscam padrões gerais estariam relacionados à primeira (relação entre a variação linguística e as macrocategorias sociais, como sexo, escolaridade e faixa etária) e à segunda ondas (relação da variação com categorias mais amplas em contextos mais específicos, comunidades menores ou mais localmente definidas), enquanto as pesquisas que têm enfoque no significado social da variação se encaixariam, por sua vez, na terceira onda.

A terceira onda¹⁶ dos estudos sociolinguísticos não concebe a variação linguística como sendo um reflexo de amplas categorias sociais, mas compreende “o conceito de variável linguística com uma nova roupagem, como espaço privilegiado da construção do significado social da linguagem”

¹⁶ Ressalta-se que essa perspectiva não é iniciada por Eckert (2012), não sendo, portanto, um empreendimento novo. Segundo Eckert (2012), o estudo de Labov (2008 [1972]), publicado originalmente em 1963, sobre a realização variável dos ditongos (aw) e (aj) em palavras como *house* ‘casa’ e *life* ‘vida’, pode ser considerado como um estudo prototípico da terceira onda da sociolinguística. Nesse estudo, Labov evidencia como 69 moradores de uma ilha chamada *Martha’s Vineyard*, localizada no Estado de Massachusetts, empregam determinadas variantes linguísticas com objetivos ou intenções de cunho social. Ele observou que alguns falantes nativos empregam a forma centralizada dos ditongos com a intenção de se diferenciar daqueles que se mudam para lá no verão; esses nativos conservaram as variantes centralizadas [əw][əj]. Dessa forma, para ele, “fica evidente que o significado social imediato desse traço fonético ‘évineyardense’ (Labov, 2008 [1972], p. 57).

(Camacho, 2013, p. 253). Assim, não é de interesse central dessa onda relacionar determinada categoria social com uma dada variável linguística, mas, sim, explorar toda a dinâmica social construída em torno dos usos linguísticos variáveis. Mendes (2017, p. 103) explica que a terceira onda representa um retorno ao significado social da variação linguística, pois “embora o interesse por fatos dessa natureza não seja algo novo [...], pode-se dizer que rapidamente, na história da disciplina, o significado social da variação cedeu centralidade para o interesse pela mudança linguística”.

Nessa perspectiva, o foco de análise não se restringe ao que o falante produz linguisticamente, no sentido de captar, quantificar e verificar regularidades de modos de falar (que não é menos importante), mas sim a relação entre o uso de formas linguísticas e as práticas sociais dos falantes (Eckert, 2005; 2008; 2012).

Sobre essa dinâmica da utilização de formas linguísticas em práticas sociais evidenciada pelo construto estilo¹⁷, proposto por Eckert (2005; 2008; 2012), Mendes (2017, p. 117-118) explica, a partir da visão de Eckert (2008; 2012) que os conjuntos de elementos linguísticos correspondem

a ‘tipos sociais’ e, nas nossas performances sociolinguísticas particulares, podemos “realizar mais” que tais tipos, atualizando o estilo, com a adição de novos elementos e potencialmente novas significações, ou podemos ‘realizar menos’, empregando não todos os elementos que simbolicamente correspondem ao tipo social, mas apenas alguns ou até mesmo apenas um de tais elementos. Dessa forma, na intersecção entre uma performance de um falante específico, numa situação interacional específica, e o estilo sobre o qual ele mapeia tal performance, constrói-se uma *persona*.

É por esse viés, portanto, que Eckert (2012) entende estilo como a maneira que os falantes utilizam formas linguísticas, considerando as práticas sociais, para criar maneiras diferentes de fala, que “constituem a chave para a produção de identidade pessoal, e a identidade, por seu lado, consiste em tipos sociais explicitamente localizados na ordem social” (Camacho, 2013, p. 256). Continuamente, os falantes atribuem significado social à variação de um

¹⁷ Difere da proposta de (Labov, 2008 [1972]), que entende a variação do “estilo de fala” dos falantes como graus de monitoramento, depreendida por meio da entrevista sociolinguística.

modo consequente, situação que implica certo grau de agentividade, que o trabalho de Eckert (2012) parece querer recuperar.

É a partir da perspectiva da terceira onda que os estudos de avaliação e percepção passaram a ter mais visibilidade dentro do campo da sociolinguística. No entanto, ainda que a perspectiva da avaliação não seja nova, comparativamente aos estudos de produção, os estudos de avaliação não são muito numerosos.

No contexto brasileiro, há algumas pesquisas que ajudam a entender, em alguma medida, os “correlatos subjetivos” e o “nível de consciência” que os falantes têm de determinadas variáveis, além da relação com o “processo contínuo de mudança” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 124; Alves, 1979; Leite, 2004; Miranda, 2014; Cardoso, 2015 [1989]; Garcia, 2018; Oushiro, 2015, dentre outros). Cardoso (2015 [1989], p. 15) ressalta que o trabalho de Santos (1973) se configura como o primeiro a tratar sobre atitudes, ao propor investigar as “atitudes de adolescentes para determinar sua capacidade de perceber o valor social de variantes”.

O presente estudo não tem o intuito de resenhar todos esses estudos de avaliação sobre o português brasileiro. Aqui, destacam-se, brevemente, apenas três mais representativos das variedades nordestina (Cardoso, 2015 [1989]), maranhense (Miranda, 2014) e paulistana (Oushiro, 2015).

A tese de Cardoso (2015 [1989]) investigou, por meio de testes de atitudes¹⁸, a avaliação linguística de falantes aracajuanos sobre a sua própria fala e outras variedades – baiana, alagoana e a carioca. A amostra utilizada é composta de 144 entrevistas, com perfis estratificados de acordo com as faixas etárias de 14-30 anos, 31-50 anos, 51-70 anos, com escolarização de 1º grau incompleto, 2º grau incompleto, 2º grau completo e superior em andamento e superior (com diploma universitário), além do sexo dos informantes. Todos os

¹⁸ Segundo Lambert e Lambert (1975, p. 100 apud Cardoso, 2015 [1989], p. 16), “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”.

participantes¹⁹ da pesquisa (alunos, ex-alunos ou funcionários ou aposentados) tinham alguma ligação com a Universidade Federal de Sergipe.

Para tanto, a autora elaborou um questionário escrito que contemplou duas partes específicas. A primeira parte objetivou verificar as atitudes que os informantes declarassem ter quanto ao seu próprio dialeto (aracajuano) sem estímulo algum. Na segunda parte, as perguntas versaram sobre nove estímulos auditivos (gravados em fita), elaborados com a técnica *matched-guised*²⁰. Nessa parte, a autora selecionou amostras gravadas de falas que pudessem funcionar como estímulos às manifestações de atitudes linguísticas dos informantes.

Em relação ao primeiro grupo de hipóteses, que trata especificamente da variedade aracajuana considerada isoladamente, a autora concluiu que, na primeira parte do questionário (sem a fita-estímulo), os aracajuanos, independentemente da idade e da escolaridade, aceitaram a sua variedade nativa.

Constatou ainda que os informantes não têm conhecimento nítido das diferenças de nível linguístico²¹. A autora questionou os participantes sobre a sua forma de falar (nas palavras da autora: dialeto), apresentando algumas afirmações como “capricho ao falar com o servente no trabalho” e “a pessoa que só usa a língua culta é chata²²”. Por fim, a autora verificou que é a variável “escolaridade” a responsável por determinar as atitudes linguísticas dos

¹⁹ Durante a realização do pré-teste, a autora entendeu que não poderia aplicar os testes aos estudantes e professores do Departamento de Letras, pois eles poderiam analisar as perguntas segundo os seus conhecimentos linguísticos e acabariam por reprimir respostas espontâneas.

²⁰ Considerando-se a diferenciação conceitual entre avaliação e percepção linguística proposta por Oushiro (2015), essa pesquisa, metodologicamente, assemelha-se mais a um estudo de percepção linguística.

²¹ A autora apresenta “diversas situações em que o aracajuano é chamado a fazer uso de um nível de língua mais cuidada, ou a saber da existência de diferenças linguísticas (Cardoso, 2015 [1989], p. 94)”. Cardoso (2015 [1989]) trata nível linguístico como grau de atenção à fala.

²² Outras afirmações são: Capricho ao falar com o servente no trabalho; Capricho ao falar com os irmãos (os filhos) em casa; Capricho ao falar com o guarda na rua; Conversando com uma pessoa pelo telefone, sou capaz de dizer qual o seu grau de escolaridade; A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa; A pessoa que só usa a língua culta é chata; A pessoa que só usa a língua culta é simpática.

informantes em relação aos “desvios da norma”, ou seja, “quanto mais escolarizados os informantes, mais rejeitam erros de “concordância verbal”, troca de “l” por “r” ou queda do “r” final” (Cardoso, 2015 [1989], p. 117).

A pesquisadora percebeu “que as respostas dadas ao questionário sem a fita-estímulo não se mantêm no questionário com a fita-estímulo” (Cardoso, 2015 [1989], p. 118). Na segunda parte, com a apresentação dos estímulos I (fala baiana), II (fala aracajuana 1), III (fala alagoana), IV (fala aracajuana 2), V (fala carioca), VI (fala aracajuana – falante com ensino superior), VII (fala aracajuana – falante com ensino superior incompleto), VIII (fala aracajuana – falante com 1º grau incompleto) e IX (fala aracajuana – falante com 2º grau incompleto). Em se tratando das atitudes dos aracajuanos em relação aos quatro últimos estímulos, que foram produzidos por falantes aracajuanos, a variável sexo não apresentou diferenças estatísticas significativas, ou seja, tanto homens como mulheres consideraram a fala do estímulo VI (falante com ensino superior), de modo positivo, como a mais aceita. A fala menos aceita foi dividida entre o falante com o 2º grau incompleto e o falante com o 2º grau completo. No que diz respeito às outras variáveis, em linhas gerais, tanto os resultados da variável idade quanto os da variável escolaridade se assemelharam aos resultados da variável sexo.

Miranda (2014), em sua tese de doutorado, além de analisar a produção linguística de ludovicenses e caxienses, dedicou-se a investigar as atitudes e crenças manifestas por um grupo de pessoas da cidade de Caxias sobre o falar local, relacionando-as com padrões sociolinguísticos das variedades ludovicense e caxiense. O referido autor se dedicou, especificamente, a analisar o “[...] imaginário de um grupo de pessoas da cidade de Caxias em relação à afirmação popular de que no Maranhão se fala o melhor português”. Os dados para análise das atitudes e crenças de caxienses foram retirados da amostra *corpus* do projeto Atitudes Linguísticas dos Falantes do Maranhão (ALFMA).

A amostra composta por 90 informantes foi estratificada de acordo com o sexo (masculino e feminino), os *anos de escolarização* (sem escolaridade; ensino fundamental menor, de um a cinco anos; ensino fundamental maior, de seis a nove anos; ensino médio, de dez a doze anos; e ensino superior, de treze anos em diante 5) e *faixa etária* dos informantes (de 16 a 30 anos; de 31 a 49 anos; e de 50 anos em diante). Nas entrevistas analisadas pelo autor, segundo o roteiro de entrevista, dentre outras perguntas relacionadas a alguns acontecimentos da vida dos informantes e à variável pronomes de 2PS, foi realizada a seguinte pergunta: “Você acredita que o maranhense fala o melhor português?”.

Ao analisar as respostas dadas pelos informantes a essa pergunta, Miranda (2014) constatou que os falantes avaliam de modo positivo a fala maranhense como a melhor do país, com percentuais de 60% referentes à primeira faixa etária, 70% para a segunda e 66,7% para a terceira.

Em relação à escolaridade dos informantes, os falantes com ensino fundamental são os que mais avaliam positivamente a variedade maranhense, com percentual de 77,8%, seguidos dos informantes com ensino médio, 72,2%, sem escolarização, 66,6%, com ensino fundamental maior, 55,6%, e com ensino superior com percentual de 50%. No que se refere ao sexo dos informantes, ambos os sexos apresentaram uma postura positiva em relação à supervalorização do português maranhense: os homens apresentam um percentual de 66,7% de avaliação positiva, já as mulheres, 62,2%.

Segundo o autor, os resultados referentes à aplicação das entrevistas confirmam que “[...] há um imaginário sobre a fala maranhense que não corresponde aos usos reais dos seus falantes” (Miranda, 2014, p. 134). Esse resultado talvez pudesse ser explicado pelo fato de Caxias, assim como São Luís, ter um contexto socio-histórico, cultural e literário que mantém alguns aspectos linguísticos vivos na memória da população. Terra do maior poeta indianista brasileiro Gonçalves Dias, Caxias é, portanto, também “considerada berço de cultura de grandes poetas, historiadores e escritores, também é conhecida como uma das grandes expressões da cultura popular”.

Ainda que os estudos de Cardoso (2015 [1989]) e Miranda (2014) se afastem um pouco metodologicamente desta pesquisa, ambas as pesquisas colocam em evidência as reações subjetivas manifestadas pelos falantes e apresentam resultados relevantes para a compreensão da avaliação sociolinguística do português brasileiro.

Mais recentemente, o estudo realizado por Oushiro (2015) sobre a fala paulistana traz uma análise abrangente que contempla tanto a análise de produção linguística quanto a análise de avaliação e percepção linguísticas. A amostra utilizada para a análise de produção é composta por 118 entrevistas, com perfis estratificados de acordo com as faixas etárias de 20-34 anos, 35-59 anos e 60 anos ou mais, com escolarização de ensino médio e ensino superior, região de residência (bairros centrais ou mais periféricos, em São Paulo) e o sexo dos informantes.

Nesse estudo, a autora analisou cinco variáveis sociolinguísticas, a saber: *a realização de /e/ nasal como monotongo ou ditongo* (como em “fazenda”), *a pronúncia tepe ou retroflexa de /r/ em coda silábica* (como em “porta”), *a concordância nominal de número* (“as casas” vs. “as casa”) e *a concordância verbal de primeira* (“nós vamos” vs. “nós vai”) e *terceira pessoa do plural* (“eles vão” vs. “eles vai”), com o propósito de discutir identidades sociais e o possível impacto de significados das variantes nos processos de variação e mudança.

Em relação à avaliação linguística, Oushiro (2015) analisou o discurso metalinguístico de falantes nativos a respeito das variantes de três variáveis linguísticas: *a realização de /e/ nasal*, *a pronúncia tepe ou retroflexa de /r/ em coda silábica* e *a concordância nominal de número*. No roteiro utilizado na pesquisa, pede-se aos informantes que deem informações específicas sobre as variáveis linguísticas por meio da pergunta “o que você acha desse modo de falar”: (i) “meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com pronúncia exagerada ditongada de [ejj]); (ii) “a porta tá aberta” (pronúncia retroflexa do /r/); e (iii) “meu, me vê dois pastel e um chopos” (sem a marca de número no sintagma “dois pastel”).

Por fim, observa-se que, por meio da análise da produção e, principalmente, da análise da avaliação linguística, a pesquisadora pôde elucidar, de certo modo, como se dá a constituição de alguns significados sociais da *concordância nominal de número* na comunidade paulistana, contribuindo, assim, para as discussões que se pretende realizar aqui, acerca do pronome de referência à segunda pessoa.

Ademais, reitera-se que a pesquisa que aqui se desenha, alinha-se metodologicamente à pesquisa de Oushiro (2015) e tem como propósito principal analisar as avaliações sociolinguísticas de ludovicenses e bacabalenses, a partir de metacomentários. Antes, porém, de se prosseguir com tal análise, resenham-se alguns estudos sociolinguísticos sobre os pronomes pessoais de segunda pessoa, com atenção especial aos estudos sobre a variedade maranhense.

1.2 Estudos variacionistas sobre os pronomes pessoais de 2PS

Diversos estudos variacionistas sobre o português falado no Brasil (Soares, 1980; Menon, 1995; Loregian-penkal, 2004; Modesto, 2006; Dias, 2007; Calmon, 2010; Andrade, 2010; 2015; Alves, 2010; 2015; Carneiro, 2011; Miranda, 2014; Costa, 2016; Lacerda *et al.*, 2016, entre outros²³) têm evidenciado usos diversificados dos pronomes de 2PS, que ficam divididos entre as formas tu e você.

No geral, esses trabalhos constataram que a alternância entre as formas tu e você está diretamente correlacionada a variáveis linguísticas e sociais como *grau de intimidade, estatuto do interlocutor na interação, área geográfica ou localidade, faixa etária, sexo, escolaridade, função sintática, concordância verbal, tipo de referência, explicitação do sujeito, paralelismo linguístico, entre outras* (Cf. Dias, 2007; Alves, 2010; 2015).

²³ Para saber mais sobre os estudos variacionistas que se dedicam a análise dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, com amplo panorama de pesquisas que se dedicam ao estudo desse tema, ver Scherre; Andrade; Catão (2021); Andrade; Alves; Scherre (2022).

De um modo geral, a alternância entre os pronomes tu e você acontece a partir destas formas: *tu, você, cê e ocê*, conforme os excertos apresentados a seguir, extraídos e adaptados de Alves (2015, p. 133) no excerto (3), com a utilização do pronome tu com e sem concordância e o pronome você, e (Lacerda *et al.*, 2016, p. 45) nos excertos (4) e (5), com os pronomes ocê e cê, formas reduzidas de você:

(3) [...] "Ana, prefiro que **tu avalies** porque eu não tenho segurança de avaliar esse paciente"... aí **tu já ia** (inint). Não, porque eu acho super comum **você chegar** e dizer "Pra onde eu vou com esse paciente?"

(INF. MA26/3)

(4) Tá mais eu, **ocê** fica mais ele, mas não judei dele.

(Piabas, M.L.S)

(5) **Cê** e louco não pode xingar nome não, rapaz".

(Tapera, J.B.P)

Diante das possibilidades de realização de pronomes de 2PS apresentadas acima, recentemente, a partir de 129 mil dados de 60 amostras de fala do português brasileiro, sob uma perspectiva geográfica atual do Brasil, Scherre *et al.* (2015 *apud* Andrade; Alves; Scherre, 2022, p. 1553) fizeram um mapeamento descritivo, com resultados de trabalhos desenvolvidos até o ano de 2012, a fim de propor um mapa que pudesse reunir a variação dos pronomes pessoais no território brasileiro.

A partir desse mapa, Scherre et al. (2015, p. 140-143, 171 *apud* Andrade; Alves; Scherre, 2022, p. 1553) sugerem a existência de seis subsistemas de formas de 2PS, considerando-se o pronome sujeito e o verbo, com exceção de *senhor/senhora*, resumidos na tabela abaixo:

Tabela 1: Subsistemas no tocante de formas de segunda pessoa do singular

Subsistema	Forma	Descrição
Subsistema 1	VOCÊ	Uso exclusivo das formas você/cê/ocê
Subsistema 2	Mais tu com concordância baixa	Uso médio de tu acima de 60% com concordância abaixo de 10%
Subsistema 3	Mais tu com concordância alta	Uso médio de tu acima de 60% com concordância entre 40% e 60%
Subsistema 4	Tu/VOCÊ com concordância baixa	Uso médio de tu abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%
Subsistema 5	Tu/VOCÊ com concordância média	Uso médio de tu abaixo de 60% concordância entre 10% e 39%
Subsistema 6	VOCÊ/tu	Tu de 1% a 90% sem concordância

Fonte: Adaptada a partir de Scherre et al. (2015, p. 140-143, 171 *apud* Andrade; Alves; Scherre, 2022, p. 1553).

Esses usos refletem o quão complexa é a variação entre esses dois pronomes que, segundo Lopes; Oliveira; Carvalho (2016, p. 118), pode ser observada a partir de dois aspectos importantes: “o valor assumido pelas formas variantes em cada região e a presença ou não da concordância verbal canônica com o pronome mais antigo *tu* (*tu falas versus tu falaø*)” [grifos dos autores]. Para esses autores, a concordância é algo que age de maneira crucial sobre “a descrição e a análise do fenômeno em função da **avaliação social negativa** que a ausência da concordância verbal desperta entre os falantes na sociedade brasileira” (Lopes; Oliveira; Carvalho, 2016, p. 118, grifos nossos).

Por isso, ainda que esse fenômeno tenha sido amplamente estudado, principalmente, em termos de produção linguística, o presente trabalho justifica-se, pois entende-se que, além de compreender os aspectos relacionados aos padrões de usos desse fenômeno, é importante também entender como as pessoas o avaliam nos mais variados contextos e variedades. Por conseguinte, a fim de delinear um breve panorama dos estudos sobre os pronomes pessoais de 2PS no português falado no Maranhão, revisitam-se, aqui, alguns dos estudos variacionistas já realizados sobre o fenômeno (Alves;

2010; 2015; Carneiro, 2011). Essas pesquisas foram utilizadas como ponto de partida para o embasamento da problemática e da justificativa desta pesquisa.

Alves (2010), em sua dissertação, analisou, a partir dos dados²⁴ extraídos de entrevistas geolinguísticas do ALiMA²⁵, os pronomes pessoais de 2PS em 6 cidades: São Luís, Pinheiro (Mesorregião Norte), Tuntum, Bacabal (Mesorregião Centro), Balsas e Alto Parnaíba (Mesorregião). O corpus utilizado pela autora é composto por 28 informantes²⁶, estratificados de acordo o sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (ensino superior e ensino fundamental). Em relação à escolaridade dos informantes, São Luís é a cidade em que aparecem falantes com ensino universitário, no sentido de que, dos 8 informantes de São Luís, 4 possuem ensino superior. Nas demais localidades, Pinheiro, Tuntum, Bacabal, Balsas e Alto Parnaíba, foram considerados 4 informantes que cursaram até a 6ª série do ensino fundamental.

Para a análise da variável dependente descrita como as formas variantes *tu e você (ocê + cê)*, a autora considerou as seguintes variáveis independentes linguísticas: *concordância verbal (concordância ou não-concordância)*, *tipo de referência (genérica ou específica)* e *tipo de relato (discurso relatado próprio ou de terceiro)*. As variáveis independentes sociais ou extralinguísticas consideradas foram as seguintes: *localidade (São Luís, Pinheiro, Tuntum, Bacabal, Balsas e Alto Parnaíba)*, *faixa etária (faixa etária I - 18 a 30 anos e faixa etária II - 50 a 65 anos)*, *sexo (masculino e feminino)* e *escolaridade (ensino fundamental e ensino superior)*.

Os dados foram analisados estatisticamente no programa computacional GoldVarb X. A análise dos dados realizada pela autora incluiu todas as formas de pronomes de 2PS que se referiam à posição de sujeito, com exceção de realizações sem o sujeito pleno (ex.: Ø vai). A autora extraiu 328

²⁴ Os dados foram coletados entre os anos de 2003 e 2004.

²⁵ Projeto de pesquisa vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão.

²⁶ Esses participantes compõem o Banco de Dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, e foram ouvidos nas áreas denominadas, conforme o projeto, como urbana (São Luís, capital do Estado) e rural (Pinheiro, Tuntum, Bacabal, Balsas e Alto Parnaíba).

dados, dentre eles 126 ocorrências do pronome tu, 168 ocorrências do pronome você e 27 ocorrências da forma cê e 7 ocorrências da forma ocê. A tabela abaixo mostra a distribuição geral de dados de acordo com a localidade:

Tabela 2: Distribuição geral das formas *tu e você, ocê e cê*

Localidade	TU	VOCÊ	CÊ	OCÊ	Total
Bacabal	13/56.5%	9/39.1%	1/4.3%	0/0%	23
Balsas	17/56.7%	13/43.3%	0/0%	0/0%	30
Alto Parnaíba	5/ 15.2%	20/60.6%	4/12.1%	4/12.1%	33
Tuntum	15/35.7%	18/42.9%	6/14.3%	3/7.1%	42
Pinheiro	31/36.9%	46/54.1	7/8.2%	0/0%	84
São Luís	45/38.8%	61/52.2%	10/8.6%	0/0%	116
Total	126/38.8%	168/51.1%	27/8.5%	7/72.1%	328/100%

Fonte: Adaptada de Alves (2010, p. 65).

Ao se observar os dados, percebe-se, de maneira geral, que a capital São Luís favorece o uso do pronome você, 52,2%, ao lado de Pinheiro, 54,1%, Tuntum, 42,9%, e Alto Parnaíba, 60,6%, que se configura como a cidade que mais favorece o uso desse pronome. Por outro lado, nota-se que as cidades Bacabal e Balsas favorecem a realização do pronome tu, 56,5% e 56,7%, respectivamente. Uma das principais hipóteses aventadas pela autora foi a de que os maranhenses, no geral, tenderiam mais à realização do pronome tu, com ou sem concordância, não sendo confirmada, no entanto, tal hipótese, pois foram registradas 126 ocorrências do pronome tu, 38,4% e 202 ocorrências do pronome você, 61,6%. A autora verificou ainda que, diferentemente daquilo que esperava, a maioria das ocorrências do pronome tu veio acompanhada da morfologia verbal de terceira e não de segunda pessoa.

Outra hipótese relevante apresentada pela autora compreendia que “a zona urbana²⁷, neste caso São Luís, capital do Estado, apresentaria um número maior de ocorrências para o pronome *você*, dado o contato linguístico

²⁷ Procedência geográfica – áreas urbana, rurbana e rural – de acordo com a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2004).

de pessoas vindas de outras regiões (Alves, 2010). Segundo a autora, essa hipótese se confirmou, em parte, pois os dados revelaram que São Luís aponta para um efeito desfavorecedor sobre o uso do pronome tu, com peso relativo²⁸ 0,48. Para ela, a justificativa para isso reside no fato de que os ludovicenses tenderiam a selecionar o pronome *você*, devido “a capital ser mais sujeita a inovações linguísticas” (Alves, 2010, p. 74). De outro lado, as cidades consideradas rurais, os municípios mais distantes da capital, tenderiam a conservar o pronome tu (Bacabal e Balsas), “como marca de identidade regional, principalmente na fala dos mais idosos” (Alves, 2010, p. 74).

Um ano depois, Carneiro (2011), a partir de uma amostra de fala composta por 96 informantes, estratificados por seu sexo (masculino e feminino), sua faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 55 anos e acima de 55 anos) e sua escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), analisou 277 ocorrências da alternância entre os pronomes de 2PS, tu e você, na fala de ludovicenses. As gravações realizadas para a construção dessa amostra foram, segundo a autora, secretas e espontâneas. Os informantes só ficaram cientes após o término da gravação. As gravações foram realizadas, em sua maioria, em balcões de informação de órgãos públicos como o DETRAN e Hospital Aldenora Belo²⁹.

Para a análise da variável dependente, a referida autora considerou as seguintes variáveis independentes internas (linguísticas): *concordância sujeito/verbo*, (*concorda, não-concorda*) *função sintática (sujeito e complemento: objetos direto, indireto e predicativo do sujeito)*, *pronome complemento/possessivo (tu/teu, você/seu)*, *tempo verbal (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do presente, futuro do pretérito)*, *modo verbal (indicativo e subjuntivo)*, *tipos de oração (oração absoluta, oração*

²⁸ O peso relativo é um valor que indica o efeito de uma variável ou fator sobre o uso de uma determinada variante no conjunto da análise (Cf. Guy; Zilles, 2007).

²⁹ A autora justifica essa decisão a partir da tentativa de “resolver a questão do ‘paradoxo do observador’, isto é, coletar dados da linguagem em contexto natural de participação direta da interação com os falantes sem que as falas perdessem a espontaneidade (Labov, 1972)” (Carneiro, 2011, p. 75)

coordenada, oração principal, oração subordinada, oração subordinada reduzida de infinitivo) e referencialidade (determinada, indeterminada).

As variáveis independentes externas (extralinguísticas) consideradas foram estas: *faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 55 anos e acima de 55 anos), escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), sexo do falante (masculino e feminino), classe social (média alta, média, média baixa e baixa), contexto (totalmente informais, relativamente informais e totalmente formais) e posicionamento hierárquico (amigos, vizinhos, conhecidos, desconhecidos, líderes/comandados, professores/alunos, parentes, funcionários/clientes).*

Na análise geral dos dados, a autora observou 277 dados de pronomes pessoais de 2PS, dentre eles 192 ocorrências do pronome tu, 69,31%, e 85 ocorrências do pronome você, 30,69%. A autora afirma que, “pelos dados auferidos acerca da realidade linguística da cidade de São Luís, vê-se que estes relativizam a afirmação de estudos que entendem que o pronome pessoal **tu** já tenha sido substituído em todo o PB” (Carneiro, 2011, p. 81, grifo da autora).

Em relação à escolaridade dos informantes, a autora constatou que os informantes com ensino superior preferem o pronome o você, “mas que a forma tu, apesar de ser mais utilizada pelas pessoas com nível fundamental, não apresenta diferenças tão pronunciadas em relação aos níveis médio e superior” (Carneiro, 2011, p. 130). Em relação à faixa etária, a autora notou que os informantes de todas as faixas etárias preferiram usar o pronome tu, com exceção dos informantes da faixa etária intermediária, que favorecem o uso do pronome você. A variável sexo do falante não apresentou diferenças significativas entre os usos de homens e mulheres, de maneira que os usos dos dois pronomes se mantêm equilibrados, com um pequeno favorecimento para o uso do pronome tu. No que diz respeito à classe social, a autora observou que, no geral, os informantes das classes baixa e média baixa favoreceram o uso do pronome tu.

A partir desses resultados, considerando-se, principalmente os resultados para as variáveis escolaridade e classe social, Carneiro (2011, p. 137, grifos da autora) propõe que, assim como a realização do pronome tu com a concordância verbal foi, historicamente, em São Luís, disseminada “da classe de maior poder (burguesia comercial de origem lusitana) para as de menor poder (negros, índios e mestiços)”, constituindo-se como uma forma privilegiada por muito tempo, atualmente, embora não se possa afirmar de forma categórica, parece haver o mesmo processo linguístico com o pronome você, ao se considerar o uso expressivo desse pronome por parte dos informantes mais escolarizados e oriundos de classes mais altas, supondo-se “[...] que esteja começando a ocorrer uma inversão, na qual o pronome **tu** pode estar perdendo o status de forma privilegiada para o pronome **você**”.

Desse modo, ainda segundo a autora, pode-se entender que os ludovicenses estariam tendendo a utilizar mais o pronome você “[...] em estruturas consideradas um pouco mais sofisticadas, que costumam ser utilizadas por pessoas com melhor desempenho linguístico [...]”, ou seja, pessoas que possuem um poder aquisitivo maior e um alto nível escolaridade, “com maiores possibilidades de estar em contato com influências vindas de fora”, o que influenciaria esse uso linguístico (Carneiro, 2011, p. 138). Essa hipótese coaduna-se com a hipótese levantada por Alves (2010).

Em 2015, Alves, em sua tese de doutorado, a partir da reflexão iniciada por Alves (2010), analisou a variação da segunda pessoa em duas dimensões específicas: entre e intrafalante. A autora teve como objetivo central analisar os contextos e as variáveis linguísticas e sociais que, de alguma forma, estariam correlacionados ao uso da variante tu seguida de concordância, supostamente uma marca linguística intrínseca à variedade maranhense. O *corpus* analisado foi composto por grupos de falantes que tinham como centro dois colaboradores-alvo, um homem e uma mulher, gravados em situações cotidianas de interação. Esta foi a solução encontrada pela autora para observar a fala mais natural possível dos participantes da pesquisa: examinar “a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares” (Labov, 2008 [1972], p. 63). Ela realizou análise quantitativa dos

dados por meio dos programas Varbrul 1988 e GoldVarb X 2001, seguida de uma análise qualitativa sobre a variação estilística dos dois participantes.

Ao entender que o fenômeno em tela melhor se revela em situações interacionais espontâneas, a autora recorre ao conceito de rede social (Cf. Milroy, 1987 [1980]) para analisar a variação dos pronomes pessoais de 2PS. Desse modo, foram gravadas, em diversas situações interacionais, um homem e uma mulher naturais de São Luís; dessas gravações, foram analisadas 15h 43min. Em relação à escolha da escolaridade dos informantes, a referida autora, considerando os resultados de Alves (2010), que observou uma grande variação na concordância entre os falantes com nível superior, selecionou informantes com nível superior completo, entendendo que, talvez estivesse, nesse grupo de indivíduos com alto grau de escolarização, a explicação para a variação dos pronomes pessoais de 2PS, considerando-se que os falantes menos escolarizados preferiram a variante *tu* sem a concordância (Alves, 2010).

A análise dos dados mostrou que o *tu* sem concordância é a forma mais utilizada pelos ludovicenses para representar a 2PS. Esse dado confirma a hipótese de que os ludovicenses escolarizados, em situações informais, tenderiam a utilizar o pronome *tu* sem concordância. Essa forma, segundo ela, “traduz a **identidade** da comunidade linguística ludovicense” (Alves, 2015, p. 138, grifo nosso). A autora afirma que “o uso predominante de *tu* sem concordância (55%) nos leva a afirmar que, ao menos na capital maranhense, esse pronome não está sendo substituído pelo *você*” (Alves, 2015, p. 138). Por outro lado, o *tu* com concordância, para ela, representaria um traço linguístico que faz diferenciação entre grupos e, afirma, ainda, “[...] que essa variante tem uso mais amplo entre falantes mais escolarizados”, sendo favorecida em contextos formais e, além disso, as mulheres seriam o subgrupo que mais faz uso dessa variante (Alves, 2015, p. 139). Em relação ao pronome *você*, tem-se que essa variante “caminharia nessa mesma direção, ao apontar para um uso mais restrito a contextos de maior formalidade” (Alves, 2015, p. 139).

A autora finaliza o trabalho acrescentando que os resultados apresentados se afastam de uma expectativa geral sobre a variedade maranhense, nutrida tanto por maranhenses quanto por pessoas de fora do Estado: “[...] um amplo uso de *tu com concordância*”, que seria “[...] assumido como forte traço da comunidade ludovicense que tenta, de certa forma, manter viva a tradição singular da Atenas Brasileira” (Alves, 2015, p. 140).

Esses resultados de pesquisas de produção linguística interessam a este trabalho, considerando as duas variedades escolhidas para análise, na medida em que se observa que, aparentemente, a produção linguística e as avaliações populares da variedade ludovicense, conforme apresentado na introdução deste trabalho, não se coadunam, considerando-se a baixa realização do pronome *tu* observado pela análise de Alves (2010), todavia, mostrando-se divergente dos resultados alcançados por Carneiro (2011), que apontam para o fato de que os ludovicenses preferem o pronome *tu*, 69,31%, ao pronome *você*, 30,69%.

É válido comentar que o estudo de Alves (2010) apresentou uma quantidade de dados relativamente maior que a quantidade apresentada por Carneiro (2011). Por outro lado, esta última autora construiu uma amostra bastante representativa da variedade ludovicense, ainda que tenha apresentado menos dados que Alves (2010)³⁰. Ademais, é válido ressaltar que os resultados de Alves (2015) também divergem, em parte, dos resultados alcançados por Alves (2010).

No entanto, não é o interesse desta pesquisa julgar quais resultados seriam mais condizentes com a realidade de São Luís, mas sim mostrar o quanto é complexa a variação dos pronomes pessoais de 2PS e verificar, de um modo mais específico, como os maranhenses avaliam essa variável

³⁰ Essas considerações importam especialmente aos estudos de primeira onda, que analisam a produção linguística dos falantes, considerando uma grande quantidade de dados linguísticos e de uma amostra sociolinguística representativa da população estudada, em termos de estratificação social, e de uma quantidade mínima de informantes para cada perfil estratificado, a fim de que sejam evitados resultados enviesados (a partir de dados idiossincráticos, por exemplo) (Cf. Guy; Zilles, 2007). No entanto, essas exigências não são tão relevantes para os estudos de avaliação.

linguística. Interessa ainda o fato de que cidades mais distantes da capital, como Bacabal, por exemplo, tendem mais à realização do pronome tu (Alves, 2010).

O presente estudo, a partir da proposta de analisar avaliações sociolinguísticas, ao contrário do que propôs Alves (2010), não entende que os bacabalenses, por exemplo, por serem de uma cidade mais distante da capital, longe “do centro de inovações” (Alves, 2010; Carneiro, 2011), tenderiam a ser mais conservadores e avaliariam o pronome tu como sendo um traço linguístico bacabalense, pois a ideia de identificação linguística com essa variante parece estar mais intimamente ligada às raízes históricas da capital São Luís e, por isso, espera-se que os ludovicenses apresentem avaliações nesse sentido. Após se detalhar o que se considera aqui os três principais trabalhos de produção acerca da realização dos pronomes pessoais de 2PS, no Maranhão, apresentam-se, a seguir, os *corpora* e os métodos utilizados nesta pesquisa.

2

CORPUS E MÉTODOS DA PESQUISA

O objeto de interesse desta pesquisa é analisar metacomentários de bacabalenses e ludovicenses, no que diz respeito à realização dos pronomes pessoais de 2PS. O interesse pelas duas cidades, São Luís e Bacabal, conforme citado anteriormente, justifica-se, de um lado, pela existência de um discurso popular de que são os maranhenses quem falam o melhor português que, geralmente, não é associado a todos os maranhenses, mas sim aos ludovicenses, que carregam na memória uma história peculiar de cultivo da literatura e da língua que proporcionaria uma distinção entre as outras cidades (Cf. Maranhão, 2012 [1946]; Serra, 1965; Borralho, 2009). De outro lado, a escolha de Bacabal se dá tanto pela sua importância econômica e geográfica, tendo em vista a sua localização central no Estado, quanto pelo fato de estar entre as cidades que mais realizam o pronome tu em relação à capital São Luís, conforme o estudo de Alves (2010). Além disso, ressalta-se o processo de formação da cidade, que passou por intenso fluxo migratório no século passado (Ferreira, 2015).

A partir das justificativas histórico-culturais, linguísticas e econômicas que perpassam as duas cidades, esta pesquisa se propõe a responder alguns questionamentos que se resumem em compreender como os falantes ludovicenses e bacabalenses avaliam a sua variedade e algumas formas linguísticas em variação. Para tanto, procedeu-se, inicialmente, na audição de áudios e leitura das transcrições de entrevistas sociolinguísticas que compõem duas amostras de fala, ludovicense e bacabalense. Em seguida, os metacomentários foram extraídos e condensados em nuvens de palavras com auxílio do site Word Art³¹.

³¹ Cf. <https://wordart.com/create>. Acesso em: 25 ago. 2023.

A amostra ludovicense foi construída por Santos (2015), enquanto a bacabalense foi construída por Lopes (2019). Para aquela amostra, os 36³² falantes foram estratificados de acordo com o seu *sexo/gênero*, três *faixas etárias* (18 a 35 anos; 36 a 59 anos e 60 anos ou +) e sua *escolaridade* (ensino médio e ensino superior). A tabela abaixo apresenta a estratificação da amostra, bem como os pseudônimos dos informantes que tiveram as entrevistas analisadas.

Tabela 3: Estratificação da amostra de fala ludovicense

Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Pseudônimo
Masculino	1 (18-35)	Até o Médio	
		Superior	
	2 (36-59)	Até o Médio	Joaquim M.
		Superior	Inácio S.; Pedro H.; Claudio M.
	3 (60 ou +)	Até o Médio	Jorge L.; Emerson M.
		Superior	Anderson R.; João K.; Pablo S.
Feminino	1 (18-35)	Até o Médio	Maria F.; Patrícia L.; Valéria D.
		Superior	Tatiana J.; Paloma R.; Sofia S.
	2 (36-59)	Até o Médio	Adalberto C.; Mariane R.; Gláucia P.
		Superior	Flaviane C.; Neide C.; Andreia L.
	3 (60 ou +)	Até o Médio	Suzana C.; Ana C.
		Superior	Elisangela S.; Elaine M.; Zafira L.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a composição da amostra de fala bacabalense, foram gravadas 12 entrevistas com informantes que nasceram em Bacabal, ou que se mudaram para a cidade com até 3 anos de idade. Os informantes foram estratificados

³² Das 36 entrevistas que compõem a amostra, obteve-se acesso a 26 entrevistas.

de acordo com o seu sexo/gênero, três faixas etárias (18 a 30 anos; 31 a 49 anos e 50 anos ou +) e sua escolaridade (ensino médio e ensino superior), conforme a tabela abaixo.

Tabela 4: Estratificação da amostra de fala bacabalense

Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Pseudônimo
Masculino	1 (18-30)	Médio	Mateus L.
		Superior	Anderson F.
	2 (31-49)	Médio	Ricardo L.
		Superior	Francisco B.
	3 (50 +)	Médio	Raimundo S.
		Superior	Vicente A.
Feminino	1 (18-30)	Médio	Luciana P.
		Superior	Mirela C.
	2 (31-49)	Médio	Luzia F.
		Superior	Júlia T.
	3 (50 +)	Médio	Joana M.
		Superior	Daniela F.

Fonte: Elaborada pelo autor.

É importante explicar que, embora as duas amostras não tenham a mesma quantidade de falantes (a amostra de Santos (2015) tem 36 falantes, e a amostra de Lopes (2019) tem 12 falantes), a comparação se torna possível porque ambas possuem estratificação semelhante. Além disso, as duas amostras foram construídas de acordo com os parâmetros do projeto SP2010,

projeto ao qual o trabalho de Santos (2015) está vinculado. Dessa forma, os roteiros de entrevista utilizados possuem características semelhantes.

De um modo geral, os roteiros são compostos de duas partes: uma parte mais geral e outra mais específica. Na parte mais geral, conversou-se sobre assuntos gerais, como o bairro em que mora o falante, sua infância, sua família, educação, sua ocupação, suas redes sociais e atividades de lazer. A segunda parte do roteiro compreende assuntos relacionados à cidade do falante, bem como avaliações sobre determinadas variantes linguísticas. Ao final da entrevista, pediu-se ao informante que lesse uma lista de palavras, um texto jornalístico e um depoimento com marcas de oralidade. A parte final da entrevista, conforme descrita acima, é o foco de análise deste estudo, pois é nessa parte que o informante é induzido a falar sobre características da cidade, das pessoas e do modo de falar dessas pessoas.

Isto posto, diferentemente de muitas pesquisas sociolinguísticas que se concentram apenas em encontrar dados codificáveis, esta pesquisa se dispõe a analisar também qualitativamente os metacomentários que podem evidenciar indícios de como os falantes pensam a variedade linguística dentro de sua comunidade de fala. Desse modo, esta pesquisa tem o interesse de verificar, especificamente, quais atitudes e discursos metalinguísticos os ouvintes produzem sobre a fala maranhense e algumas variáveis sociolinguísticas. Para tanto, a partir da análise das entrevistas sociolinguísticas já existentes³³, observou-se que, como se verá no capítulo seguinte, os informantes bacabalenses não foram tão explícitos em suas avaliações sobre a sua própria variedade como os ludovicenses (ver Capítulo 3).

Para solucionar essa questão, resolveu-se gravar novas entrevistas com bacabalenses. Propõe-se, assim, a construção de uma amostra de avaliações linguísticas de bacabalenses. Nesse sentido, elaborou-se um roteiro de

³³ Especificamente os trechos em que, direta ou indiretamente, apresentam alguma avaliação sobre a fala bacabalense, ludovicense ou maranhense. As perguntas analisadas (que suscitaram metacomentários) de ambas as amostras estão em anexo.

entrevista semiestruturado³⁴ que possibilita suscitar metacomentários sobre o falar maranhense, sobre algumas variáveis linguísticas, a fim de verificar se emergem, desses metacomentários, discursos sobre a forma de falar dos bacabalenses/maranhenses.

2.1. A construção da amostra de avaliações sociolinguísticas de bacabalenses

Dado o interesse deste estudo, conforme já citado, tornou-se necessário, para fins de complementação da análise, a construção de uma nova amostra, agora com foco em avaliações sociolinguísticas de bacabalenses. O roteiro (ver Apêndice A) foi organizado, principalmente, a partir de perguntas que suscitaram metacomentários nas amostras analisadas (Santos, 2015; Lopes, 2019), considerando o intuito desta pesquisa, que é o de acessar as avaliações sociolinguísticas de falantes maranhenses.

O roteiro está dividido basicamente em duas partes. A primeira parte é composta por perguntas mais gerais sobre o bairro e a cidade do informante. Nessa parte, as sete primeiras perguntas tratam especificamente sobre informações do bairro e da cidade como gostos, preferências e características. Ex.: “O que você mais gosta em Bacabal?” “O que você acha que caracteriza o bacabalense?” As perguntas 8 e 9 tratam, respectivamente, sobre a possibilidade de reconhecer se alguma pessoa é ou não residente da cidade do informante e as possíveis diferenças entre os bairros da respectiva cidade. Essas perguntas são importantes para preparar o informante para as perguntas mais específicas sobre a fala. Na segunda parte, trata-se detidamente sobre avaliação linguística, com perguntas mais diretas sobre o falar maranhense, quais sejam: 10. Há um discurso popular entre os brasileiros que afirma que os maranhenses falam o melhor português do Brasil. O que você acha disso? / 11. Tem algum modo de falar que você acha assim bem bacabalense? / 12. Como você acha que fala? Essas três questões

³⁴ O roteiro encontra-se no Apêndice A.

visaram a acessar de modo mais direto as crenças, pontos de vista e atitudes dos informantes.

A questão 10 enfatiza o discurso sobre o melhor português e teve como foco suscitar respostas mais elaboradas sobre esse mito, a fim de verificar se prevalece o discurso de que é o ludovicense quem fala o melhor português ou se todos os maranhenses. A inclusão dessa pergunta foi crucial para esta pesquisa, considerando-se que muitos informantes da amostra de Santos (2015) apresentaram o discurso de que é o ludovicense quem fala um bom português. Com a questão 11, objetivou-se suscitar respostas que evidenciassem características peculiares da cidade. A partir da questão 12, procurou-se acessar os metacomentários sobre a fala de individual de cada informante.

Desse modo, essas três perguntas permitiram acessar avaliações linguísticas em três níveis: estadual, municipal e individual. As outras questões tratam sobre a avaliação de quatro variantes específicas: (i) pronome pessoal tu sem concordância com o verbo: “tu comprou errado”; (ii) concordância verbal de número não padrão: “nós vai amanhã”; (iii) concordância nominal de número não padrão: “me dá dois pão”; e (iv) /S/ em coda silábica – fricativa alveolar desvozeada: “a li[s]ta e[s]tá dentro da pa[s]ta”. Após a pergunta sobre cada variante, há as seguintes perguntas: “Quem você acha que fala assim? O bacabalense fala assim?”, “Você fala desse modo?”.

A escolha da primeira variante se justifica por ser um dos focos deste estudo, juntamente com as outras variantes da variável pronomes pessoais de segunda pessoa do singular. As duas variantes seguintes – a concordância verbal de número não padrão e a concordância nominal de número não padrão – estão entre os fenômenos mais estudados da literatura sociolinguística brasileira (Cf. Bortoni-Ricardo, 2011 [1985]; Scherre, 1988; Vieira, 1995; Carvalho, 1997; Silva, 2005; Oushiro, 2015, entre outros). A escolha do /S/ em coda silábica se justifica pelo fato de que se percebe que maranhenses não têm consciência da produção palatalizada dessa variável.

Ressalta-se que não houve a preocupação em analisar o vernáculo dos informantes nos moldes da entrevista sociolinguística proposta por Labov (2008 [1972]). Aqui, propõe-se apenas a análise de avaliações sociolinguísticas dos falantes bacabalenses, por isso, o roteiro de entrevista foi construído dessa forma. As entrevistas duraram em torno de 5 a 15 minutos. A estratificação da amostra (composta por 19 informantes) se deu conforme a quantidade de participantes que foi possível contactar, por isso, embora não tenha sido uma preocupação inicial, para fins de organização, consideraram-se três características sociais mais gerais para a organização da amostra (Tabela 5): sexo, faixa etária e escolaridade, conforme a estratificação feita por Lopes (2019).

Tabela 5: Estratificação da nova amostra de bacabalenses

Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Pseudônimo
Masculino	1 (18-30)	Médio	Luís;
		Superior	Ronaldo;
	2 (31-49)	Médio	
		Superior	Beto;
Feminino	1 (18-30)	Médio	Juliete; Gardênia; Naiara; Mirian; Bruna; Luana; Tânia
		Superior	Brenda; Andyara; Jhenifer; Rute; Emanuela
	2 (31-49)	Médio	Zilpa; Sofia
		Superior	Marcela; Selma;

Fonte: Elaborada pelo autor.

Após a extração dos metacomentários, análises quantitativas foram realizadas a fim de que se verificasse se há padrões nas avaliações sociolinguísticas, a partir de gráficos e testes de qui-quadrado. Essas análises

foram realizadas na versão mais recente do programa R (Cf. R Core Team, 2023), programa voltado para a análise de dados, realização de computações estatísticas e gráficas, como também compilação e anotação de corpora (Levshina, 2015; Oushiro, 2021). Gries (2009; 2019) afirma que, por ser uma linguagem de programação, o R permite ao pesquisador um controle direto das funções, dando a possibilidade de criação de funções, linhas de comando, diferentemente de outros programas, em que o pesquisador depende do desenvolvedor. Em outras palavras, o R permite ao usuário customizar tarefas, o que, nas palavras de Oushiro (2014, p. 134) “significa [...] que ao invés de clicar em botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente define as funções que deseja executar através de linhas de comando”.

3

ANÁLISE DAS AVALIAÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

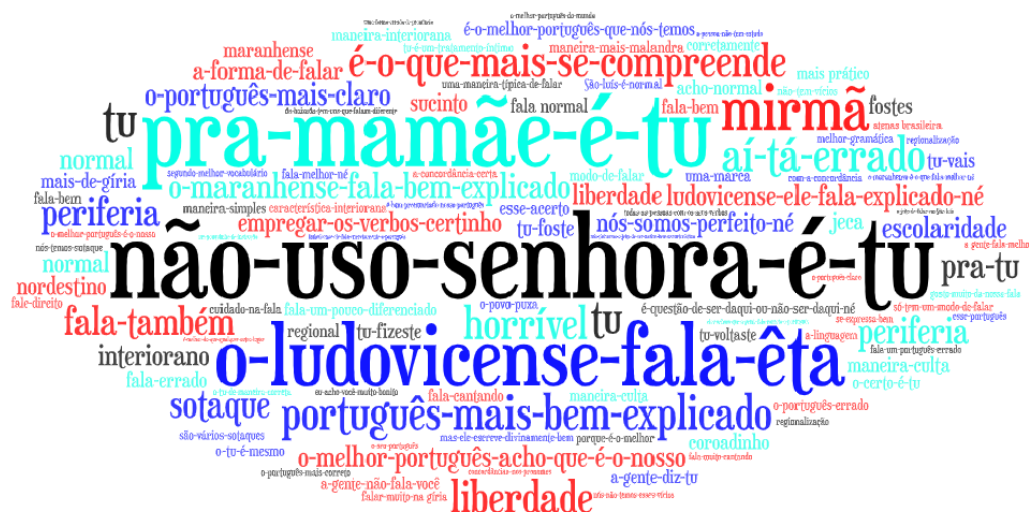
Este capítulo apresenta os resultados das análises quantitativa e qualitativa realizadas a partir dos metacomentários extraídos das entrevistas gravadas com ludovicenses e bacabalenses. Apresenta-se, inicialmente, a análise das entrevistas das amostras de Santos (2015) e Lopes (2019). Em seguida, faz-se a apresentação dos resultados das análises das novas entrevistas gravadas em Bacabal.

3.1. Os metacomentários de ludovicenses

Nesta pesquisa, a princípio, buscou-se, a partir de entrevistas anteriormente coletadas por Santos (2015) e Lopes (2019), analisar os metacomentários que apresentassem algum tipo avaliação linguística sobre a fala maranhense (sobre a fala de bacabalenses e ludovicenses, ou de maranhenses, no geral), ainda que de forma indireta, a fim de verificar indícios da existência ou não de uma supervalorização da variedade linguística maranhense. As figuras 5 e 6, a seguir, apresentam nuvens de palavras que resumem os metacomentários extraídos de trechos das entrevistas, em que os informantes explicitam metacomentários sobre a fala ludovicense, bacabalense ou maranhense.

Na figura 5, estão reunidos os metacomentários dos informantes suscitados pelas seguintes perguntas: “O que você acha que caracteriza o ludovicense (tanto as coisas boas quanto ruins)?”; “Olhando pra mim, você diria que eu sou ludovicense? Por quê?”; “E como é que as pessoas falam na cidade de São Luís?”. Além dessas perguntas, há outras que focalizam algumas variáveis linguísticas (roteiro completo no Anexo A).

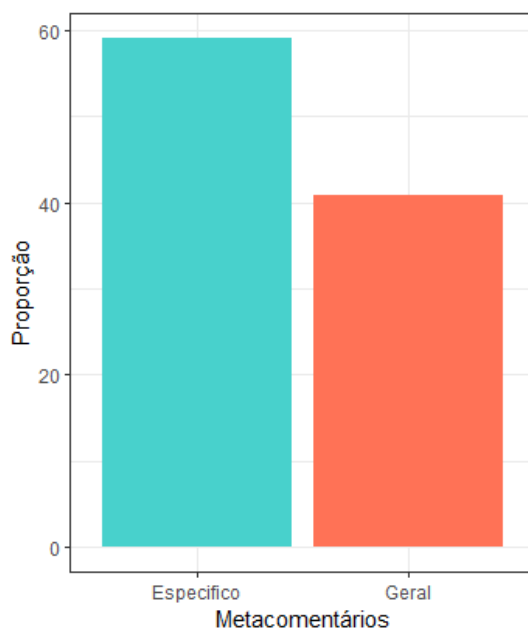
Figura 5: Nuvem de palavras com os metacomentários de ludovicenses



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em relação ao modo de falar, os ludovicenses produziram muitos metacomentários explícitos em relação à sua própria variedade. A figura 5 deixa claro algumas associações feitas pelos ludovicenses à variedade ludovicense e maranhense: “é o que mais se compreende”, “português mais bem explicado”, “o português mais claro”, “não tem sotaque”, entre outras. Para que se obtivesse uma melhor visualização dos dados, os metacomentários relacionados ao discurso da supervalorização do português ludovicense/maranhense foram amalgamados e classificados em tipos de metacomentários: específicos (ex.: “não tem sotaque”) e gerais (ex.: “melhor português”). A figura 6 mostra as proporções dos tipos de metacomentários.

Figura 6: Proporções dos tipos de metacomentários relacionados ao discurso da supervalorização do português maranhense



Fonte: Elaborada pelo autor.

A figura acima evidencia as proporções dos tipos de metacomentários que apareceram na fala dos informantes ludovicenses. De um modo geral, observa-se que a taxa de metacomentários específicos (59%) é muito maior do que a taxa dos metacomentários mais gerais (41%). Realizou-se um teste de qui-quadrado, com o objetivo de verificar se havia diferenças entre as proporções dos tipos de metacomentários. Embora a figura acima mostre que, aparentemente, haja diferença significativa entre as proporções dos tipos de metacomentários, o teste de qui-quadrado indicou que não há diferença significativa ($\chi^2 = 0.72727$ (1), $p > 0,05$). Os excertos (6), (7), (8), e (9), a seguir, exemplificam como esses metacomentários surgiram nas entrevistas analisadas.

(6) D1: *eh {M} e como é que o ludovicense fala?*

S1: *o ludovicense fala... 'êta' (eu creio que é nosso)... que tudo é eita*

S1: ***eh... eu creio que (ainda) é um do português mais bem explicado***

D1: *o português ludovicense?*

S1: ***ludovicense é é o que mais se compreende***

S1: *que botando um ludovicense e um... pernambucano pra conversar*

S1: *(xxx) falando no celular... ninguém entende nada*

SLF1B-Maria F.

- (7) D1: e uma característica do ludovicense assim que que seria...qual que seria uma uma característica bem marcante do ludovicense? pode ser uma caraterística boa ou ruim assim

S1: do ludovicense...acho que a maneira de falar o maranhense fala bem explicado

D1: é?

S1: acho que sim

D1: tu acha que mais do que em qualquer outro lugar?

S1: com certeza

D1: é?

S1: acho que a gente o nosso o o o melhor português acho que é o nosso

S1: que a gente vai lá direto no que a gente quer

D1: o daqui se São Luís?

D1: aham

S1: entendeu? Eu acho que é isso uma característica muito marcante

D1: teria...teria se alguma marca que tu dissesse assim olha o nosso português ele é melhor...aí tu poderia me dá um exemplo assim?

S1: não não

SLF1B-Patrícia L.

- (8) D1: e Dona {G} como é que o modo de falar de São Luís do do do ludovicense? A senhora sabe como é que

S1: ah é o melhor português do mundo

D1: é o do

S1: é o nosso

D1: é? a senhora percebe isso

S1: percebo

D1: por exemplo assim como é que a senhora percebe? (xxx)

S1: (a gente) fala melhor (pelos os estados que eu já conheço)

S1: entendeu e essa melhor

D1: tem alguma alguma tem algum exemplo assim? A senhora (xxx) oh eu sei que é muito forte aqui em São Luís assim tem algum exemplo assim (que a senhora possa me dar)

S1: exemplo de que de ?

D1: disso que a senhora está dizendo que a gente fala o melhor Português

S1: eh o exemplo (que a gente dá) assim num posso nem te explicar assim porque nós mostramos mesmo o nosso português (tu tá entendendo)

S1: não é necessário que alguém venha... achar que não porque é o melhor

D1: o nosso é o melhor?

S1: é o melhor

D1: tá certo

SLF2B-Gláucia P.

A informante Maria F., excerto (6), ao ser perguntada pelo documentador como é a fala do ludovicense, deixa claro que, no sentido da compreensão, o português falado pelos ludovicenses seria o mais bem explicado, o português que *“mais se compreende”*. É interesse notar ainda a comparação que a informante faz entre a variedade ludovicense e a variedade pernambucana, dando a entender que a variedade pernambucana seria mais difícil de se entender: *“falando no celular... ninguém entende nada”*. Em um trecho anterior da entrevista, ela ressalta que o pronome de tratamento senhora não existe em seu vocabulário e que utilizada o pronome tu para se referir a qualquer pessoa, menos a sua avó: *“o pronome tu é o “pra todo mundo não pra mamãe é tu porque eu chamava de mãe a a vó”*. Isso evidencia a preferência da informante em utilizar o tu para se referir à segunda pessoa.

No excerto (7), a informante Patrícia L. também ressalta a mesma característica apontada pela informante anterior sobre a fala ludovicense. No entanto, ao responder à pergunta em que o documentador pede à entrevistada que dê exemplos de características do ludovicense, Patrícia L. evidencia que é o maranhense quem fala bem explicado: *“acho que a maneira de falar o maranhense fala bem explicado”*, em seguida, ao ser perguntada se era o português de São Luís, ela responde de forma positiva. Segundo ela, isso seria uma característica da variedade ludovicense. Essa informante, portanto, não deixa bem explícito se são todos os maranhenses ou apenas os ludovicenses quem falariam o português mais inteligível, diferentemente da informante Gláucia P., excerto (8), que afirma, de forma explícita, que o português ludovicense seria *“o melhor português do mundo”*.

Além disso, Gláucia P., ao tentar dar um exemplo de alguma forma linguística característica da fala ludovicense, ela apresenta o seguinte argumento: *“eh o exemplo (que a gente dá) assim num posso nem te explicar assim porque nós mostramos mesmo o nosso português (tu tá entendendo)”* e

ênfatiza que não precisa de validação, pois “*não é necessário que alguém venha... achar que não porque é o melhor*”. No excerto (9), a informante Paloma R. traz metacomentários um pouco diferentes dos demais informantes: “*segundo melhor vocabulário melhor gramática o maranhense*”. Ela se mostra um pouco confusa em relação à ideia da supervalorização, no entanto, ao final, ela também concorda que a variedade ludovicense/maranhense seria a melhor variedade do português brasileiro:

(9) D1: e como é que seria (então) o modo de falar em São Luís?

D1: nós teríamos um modo de falar? Tu saberia? Porque tu falou do baiano do paulista

S1: ah tá eu acho que a gente é até mais (como é que eu vou te dizer)

S1: sucinto é tudo (xxx) mais prático

D1: ah certo

S1: é muita até porque a gente (num sei) segundo melhor vocabulário melhor gramática o maranhense é o que fala melhor né é o segundo do Brasil?

D1: ah eu num sei

S1: é

D1: as pessoas dizem né

S1: dizem né (xxx) pelo que a gente conhece

D1: aham

S1: eu (particularmente) em muitas das minhas conversas (xxx) né com o pessoal de fora

D1: tu concordas então?

S1: eu concordo

S1: acho que o nosso é o português né o melhor melhor português é o nosso

SLF1S-Paloma R.

As visões desses informantes sustentam, em alguma medida, as diferenças entre uma teoria popular da linguagem e uma teoria linguística (científica) apresentadas por Preston (2004). A principal diferença é que na teoria popular da linguagem há uma realidade platônica em que as pessoas acreditam, de fato, na existência de uma língua sólida e homogênea. Nesse caso, infere-se que a variedade ludovicense seria a melhor variedade do português brasileiro e, conseqüentemente, “os falantes que estão diretamente

conectados a ela falam uma forma totalmente correta [...]”³⁵ (Preston, 2004, p. 64). Desse modo, seguindo esse entendimento, as variedades que se diferem da variedade ludovicense poderiam ser classificadas como “erros” ou “dialetos”, nos termos de Preston (2004).

Há ainda informantes que não defendem de forma clara o discurso de que são os maranhenses ou ludovicenses que falam o melhor português, mas entendem que esse discurso é difundido e ouvem metacomentários a respeito desse discurso, conforme evidenciado nos excertos (10) e (11) abaixo.

(10) *S1: tu entendeu então por isso que eu tô te dizendo que eu acho que a gente precisa se atentar pra isso (tem) umas coisas que são meio chatas aos nossos ouvidos né porque quando a gente sai daqui as pessoas “nossa mas tu fala tão assim correto”*

D1: (xxx)

S1: não sei se tu já ouviu isso eles acham que a gente fala muito correto (parece que é engraçado)

D1: hum

S1: mas eles acham que a gente fala correto o português

D1: tu concorda com isso?

S1: por partes às vezes né

D1: ah certo

S1: por parte

SLF2S-Andreia L.

Andreia L., excerto (10), entende como chatas algumas afirmações sobre o falar ludovicense, uma vez que, fora de São Luís, os ludovicenses tenderiam a receber avaliações positivas sobre o seu modo de falar: “nossa mas tu fala tão assim correto”. Ela se incomoda com esses tipos de metacomentários, já que, a seu ver, as pessoas acham engraçado o seu modo de falar e destaca “mas eles acham que a gente fala correto o português”. Ao ser perguntada se ela concorda com essa afirmação, ela aponta que “por partes às vezes né”.

A informante Elisangela S., no excerto (11) abaixo, ao ser perguntada sobre qual seria a imagem que as pessoas de fora têm em relação a São Luís,

³⁵ Tradução para o trecho: “Speakers who are directly connected to it speak a fully correct form [...]”

destaca que é uma imagem boa conforme aquilo que é veiculado (nas mídias, infere-se): “*patrimônio da humanidade num é cidade dos azulejos eh*”. A ideia a respeito da variedade linguística maranhense também aparece: “*o maranhense fala muito bem num é*”, mais adiante, ela assevera que “*muita gente*” diz que os ludovicenses falam correto, “*mais corretamente né eh a língua formal*”. Embora não tenha afirmado de forma tão contundente sobre a supervalorização do português ludovicense/maranhense como a informante Gláucia P., fica evidente que a informante *Elisangela S.* também acredita nesse discurso popular.

- (11)D1: Qual é a imagem né que as pessoas de fora têm de São Luís?
 S1: bom eu acho que elas têm elas têm uma imagem
 S1: elas têm uma imagem boa (daquilo) por exemplo que é veiculado
 D1: aham
 S1: eh eh... *patrimônio da humanidade num é cidade dos azulejos eh*
S1: o maranhense fala muito bem num é
D1: hum
S1: usa... muita gente diz que que as pessoas aqui o ludovicense fala correto mais corretamente né eh a língua formal fala uma melhor eu acho que ele têm eles têm

SLF3S-Elisangela S.

Em um trecho posterior da entrevista, a mesma informante, ao responder à pergunta relacionada ao português ludovicense, além de apontar o diminutivo como característica do próprio modo de falar, ela indica uma outra característica linguística que definiria, supostamente, a origem de um falante; a pronúncia da palavra “*ruim*”, com a colocação do acento na última sílaba (palavra oxítona), que seria, para ela, infere-se, a melhor forma; ao lado da pronúncia com a colocação do acentoônico na primeira sílaba (palavra paroxítona), configurando-se, para ela, como um suposto equívoco: “*num é outras palavras você fala “ruim” as pessoas falam “ruim” (a informante pronunciou a palavra marcando a tonicidade na primeira sílaba)*”. Ela afirma, portanto, que esse suposto equívoco na pronúncia poderia ser explicado pela origem do falante, não pela escolaridade: “*num é uma questão nem de escolaridade é questão de ser daqui ou não ser daqui né*”.

Sobre a característica linguística que explicaria, em alguma medida, a ideia de que os maranhenses/ludovicenses falariam a melhor variedade do PB, presume-se, a partir de alguns metacomentários, que a utilização do pronome “tu” poderia ser uma forte evidência. Os excertos (12), (13), (14), (15) e (16), a seguir, exemplificam essa constatação.

- (12) D1: *seu {C} e olhando pra mim seu {C} o senhor diria que eu sou ludovicense?*
 S1: *mais ou menos*
 D1: *como assim?*
 S1: *(acho que) a tua linguagem eu não sei se aprendeu aqui*
 D1: *hamram*
 S1: ***né o português claro esse português que a gente fala o português nós dizemos ‘tu’ nós dificilmente falamos você agora a gente fala você por causa das novelas que tá unificando tudo né a a televisão ela tá massificando/unificou tudo mas nós tínhamos o jeito de ser assim bem característico***
 D1: *ah certo tá*

SLM3S-João K.

No excerto (11), João K. comenta que o ludovicense fala um português claro: “*né o português claro esse português que a gente fala*”. Como exemplo disso, o informante assevera que o ludovicense utiliza o pronome “tu” em detrimento do pronome “você” que, segundo ele, seria pouco utilizado por parte dos ludovicenses (“*nós dificilmente falamos você*”) e ainda coloca que, atualmente, o uso do pronome “você” tem crescido e aponta as novelas como a causa. Para ele, a televisão tem unificado a fala, descaracterizando-a: “*televisão ela tá massificando/unificou tudo mas nós tínhamos o jeito de ser assim bem característico*”. A informante Zafira L. ratifica essa ideia:

- (13) D1: *a a a gente teria um modo de falar a senhora saberia me dizer como é que o modo de falar do ludovicense?*
 S1: *sim fala bem*
 D1: *é?*
 S1: ***acho que ele se expressa bem não tem muito não tem vícios né***
 D1: ***humrum***

S1: num tem muito vício hoje com influência de de televisão muito eles eh {H} às vezes fala “tu foi vovó?” não ‘tu foste?’ aí eu fico ‘fostes’ ‘fostes’ ‘fostes’

D1: fica batendo (palmas)

S1: é

D1: tá certo

SLF3S-Zafira L.

A informante Zafira L. também concorda que o ludovicense “*sim fala bem*”, já que, segundo ela, “*ele se expressa bem não tem muito não tem vícios né*”. Para ela, a televisão tem levado as pessoas a cometerem vícios de linguagem. Em seguida, a informante utiliza um exemplo com uma criança, supostamente o seu neto, para explicar como deveria ser a concordância do pronome “tu” com o verbo. Ela comentou que a criança, às vezes, quer chamar o seu avô com o pronome “tu” sem a concordância verbal – “*tu foi vovó*” –, desse modo, ela intervém e repete várias vezes a expressão com o pronome “tu” e o verbo concordando – “*aí eu fico ‘fostes’ ‘fostes’ ‘fostes’*” – para que a criança assimile a expressão que ela considera correta. Infere-se, portanto que, aparentemente, a televisão estaria influenciando a criança. Em um trecho anterior da entrevista, Zafira L. comenta uma pessoa considerada pobre do interior do Maranhão fala melhor do que qualquer pessoa: “*eh eh mas mesmo assim uma pessoa pobre paupérrima do interior do Maranhão falando na televisão sendo entrevistada ela é melhor do que qualquer outro lugar ela tem fala melhor né*”.

Em posição contrária à de Zafira L., Claudio M., no excerto 14, ainda que não comente nada sobre o pronome tu, deixa claro que só gosta de ouvir a variedade ludovicense se o falante “falar direito” e isso só é possível se “*você tiver um pouquinho de instrução*”. Ainda afirma categoricamente que crianças de 8 anos, de qualquer outro lugar, falam muito bem, já, em São Luís, os repórteres, na frente de uma câmera, “*são uma tristeza só*”:

(14) **S1: gosta de ouvir... cara o o jeito de falar em São Luís se você falar direito... é bacana... se você sair do do jeca é legal do jeito que você fala aqui se você tiver um pouquinho de instrução**

D1: humrum

*S1: o problema é que as pessoas pouco se importam com isso e aí vão ficando na mesmice mas se fala bem aqui se fala bem aqui desde que se fale direito **mas é chato vê um garoto de 8 anos de qualquer lugar do mundo interior do Mato Grosso dá uma entrevista e o moleque fala bem enquanto aqui qualquer garoto de 14 anos qualquer adulto... até os repórteres falar na frente da câmera são uma tristeza só***

SLM2S-Claudio M.

Elaine M. também não é categórica ao afirmar que o ludovicense fala um bom português:

(15) D1: e é uma característica do ludovicense dona dona {E}?

S1: ah da pessoa?

D1: humrum

S1: não assim eu considero que ainda é eu não diria que nós pudemos considerar hoje eh São Luís uma Atenas brasileira como durante tanto tempo foi dito né... que era como se fosse né um... alguém que fala muito bem então mas eu ainda identifico muito nas pessoas de São Luís o cuidado na na fala na assim nas concordâncias num é nos pronomes porque se você usa 'tu' usa 'tu' sempre se você usa 'você' continua usando 'você' isso aí eu vejo muito aqui

D1: humrum

S1: ao contrário de muitos outros lugares e até jornais né televisivos ou não nas sei lá nas novelas nos programas e tal... na fala de artistas de cantores de atores a pessoas tá falando 'você' e logo em seguida fala 'tu' mistura muito as coisas

D1: ham

S1: né então isso é uma coisa que eu

D1: a senhora acha que a gente é (define mais)

S1: é eu eu creio que sim

D1: é né a senhora acha

S1: é embora ultimamente eu já tenha observado tipo assim nessa geração bem mais nova já num tá tendo tanto esse cuidado mas eu ainda considero que seja... uma marca entendeu

D1: por exemplo 'tu' com a concordância ou sem a concordância?

S1: não com a concordância mesmo né

D1: ah certo

S1: 'tu fizeste' 'tu' né 'tu voltaste' que dizer eh eh assim ma/eh e outra coisa assim eu acho que as pessoas são assim abertas são receptivas né

D1: aham

SLF3S-Elaine M.

Elaine M., excerto (15), assevera que não se pode considerar mais São Luís como uma Atenas Brasileira, conforme foi no passado, mas observa que os ludovicenses ainda têm cuidado com a fala, e aponta a utilização das concordâncias e uso dos pronomes, e suas devidas formas pronominais, como uma característica da fala ludovicense: *“porque se você usa ‘tu’ usa ‘tu’ sempre se você usa ‘você’ continua usando ‘você’ isso aí eu vejo muito aqui”*. Ela ressalta ainda que, embora a nova geração tenha perdido um pouco do cuidado com a fala, essa marca ainda prevalece – o uso do pronome “tu” com a concordância verbal: *“‘tu fizeste’ ‘tu’ né ‘tu voltaste’ que dizer eh eh assim ma/eh e outra coisa assim eu acho que as pessoas são assim abertas são receptivas né”*.

Ainda sobre o uso do pronome tu como uma marca linguística que justificaria o discurso da supervalorização da variedade ludovicense/maranhense, a informante Flaviane C. é enfática, ao dizer que o pronome tu com a concordância representaria o modo de falar do ludovicense:

(16) *D1: eh a senhora saberia me dizer assim qual seria o modo de falar do ludovicense?*

S1: eh ah (xxx)

D1: (xxx)

S1: não eu acho que (xxx) o certo é ‘tu’

D1: aham

S1: ‘tu foste’ (sabe) isso aí é maranhense mesmo você não vê outro lugar a pessoa esse é o modo de falar é usar todas as pessoas com os seus verbos

D1: aham a senhora acha que a gente tem usa muito (tu)?

S1: o certo o ‘tu’ de maneira correta

D1: concordando

S1: é a concordância certa

SLF2S-Flaviane C.

Em síntese, conforme observado nas avaliações destacadas, os informantes ludovicenses, de um modo geral, entendem que, sim, a variedade

ludovicense poderia ser considerada como a melhor variedade do português brasileiro, no entanto, não fica muito clara a supervalorização da variedade maranhense como um todo. No que se refere ao uso do pronome tu, os metacomentários evidenciam uma certa preferência pelo uso desse pronome, observando-se, contudo, o entendimento dos informantes sobre uma crescente tendência de uso do pronome você no lugar do pronome tu que, segundo eles, seria uma influência da televisão. Esse entendimento corrobora os resultados de Alves (2010; 2015) e Carneiro (2011), que apontam o crescimento do uso do pronome você por parte dos ludovicenses.

Observa-se, ainda, uma certa avaliação negativa sobre o uso do pronome você. Esse fato poderia representar um forte empecilho para uma possível implementação desse pronome na variedade ludovicense, caso essa avaliação negativa se enraizasse na comunidade ludovicense. No entanto, presume-se que o pronome tu assumiria um “significado identitário” na cidade de São Luís (Freitag *et al.*, 2015, p. 70). Nota-se que essa supervalorização independe da escolaridade dos informantes, haja vista que, tanto os informantes com nível básico como os de nível superior, apresentam esse tipo de avaliação. A seguir, analisam-se os dados extraídos das entrevistas sociolinguísticas de bacabalenses (Lopes, 2019).

3.2. Os metacomentários de bacabalenses

Na figura 7, a seguir, estão reunidos os metacomentários dos informantes suscitados pelas seguintes perguntas: “Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de Bacabal?”; “E como é que as pessoas falam na cidade de Bacabal?”; “E aqui dentro da cidade de Bacabal, você vê diferenças entre os diferentes bairros?”; “Você acha que há pessoas de outros lugares que moram em Bacabal? Saberia dizer de quais lugares são essas pessoas?”, além da pergunta sobre a concordância nominal de número (variável estudada por Lopes, 2019) e outras variáveis (roteiro de entrevista completo no Anexo B).

que esse é um erro é um erro de de de português bem... bem típico né

D1: como você acha assim que deveria ser?

S1: ah isso cara va/varia muito da educação eh... principalmente do ensino de base né... por que se tu não aprende no/na base tu vai vai levando aquilo até até o final e hoje cara infelizmente humhum na maioria das escolas pelos menos uma ou outra que eu tenho contato às vezes o aluno passa sem aprender... num eh ele passa de ano mas acaba não aprendendo nada e principalmente a a as disciplina que mais acaba afetando é português e matemática num é eu acho que é um dos problemas também que que acaba repercutindo nisso aí

D1: então você acha errado “me dá dois pão”?

S1: “me dá dois pão” é é errado

D1: como você acha que seria o correto?

S1: “me dê dois pães”

D1: eh J eh assim... eh você fala desse modo?

S1: não não eu procuro evitar esse esse tipo de erro apesar de de como eu falei existem algumas palavras que eu evito utilizar né em em determinado determinado local justamente porque eu sei que as pessoas não irão eh consegui entender mas esse tipo de de erro eu não costumo cometer não

BAC2019-M1S-Anderson F.

Esse e outros trechos das entrevistas bacabalenses apontam para a estigmatização da variante não padrão e, em alguma medida, também se refere à fala específica de bacabalenses, pois alguns indicaram ser uma característica bacabalense: falar “*me dá dois pão*” em uma padaria. Todavia, não se constata, a partir dos metacomentários, que tenha alguma relação identitária entre o fenômeno da concordância e os bacabalenses, assim como evidencia Oushiro (2015) para a fala de paulistanos. A associação da variante não padrão da concordância com a fala bacabalense se dá pela pouca escolaridade³⁶. A informante Daniela F. apresenta uma possível justificativa para o uso da expressão “*me dá dois pão*”, dando a entender que a concordância não padrão pertenceria a um falar característico de pessoas que moram na zona rural:

³⁶ Lopes (2019; 2020a; 2020b), ao analisar a realização variável da concordância nominal de número em sintagmas nominais simples, verificou que os bacabalenses tendem mais à preservação das marcas de plural, com exceção dos falantes mais velhos e menos escolarizados, que tendem mais a não utilização da norma padrão.

(18) D1: *eh eassim o que a senhora acha desse modo de falar por exemplo... “me dá dois pão”?*

S1: pois é eh isso é chamado são vícios de linguagens né

D1: *hum*

S1: *é isso que eu te falei ainda agora as pessoas que eu convivo mais no meio educacional mas isso também acontece no meio eu então eu já ia dizer “dois pães” né tudo que tiveram oportunidade mas nem sempre todos aqueles que tem a oportunidade eles conseguiram se desvincular desses vícios de linguagem porque eu conheço colega professora que ao invés de dizer “outro dia” chama “isturdia”...*

D1: *hum rum*

S1: infelizmente num é então se torna um vício que precisa ser trabalhado mais mas acontece muito... ele não é correto ma/mas faz entender

D1: *hum*

S1: *o senhor da padaria vai entender*

D1: *entendi*

S1: vai haver uma comunicação a linguagem não é correta... num é isso mas que vai haver uma comunicação e a gente observa muito isso principalmente nos bairros e exatamente por causa né desse êxodo

BAC2019-F3S-Daniela F.

Nos metacomentários de Anderson F. e Daniela F. fica evidente “a presença do mecanismo de relação de forças, preconizado pela imagem que um sujeito com uma alta escolarização faz de um sujeito com pouca escolarização” (Lopes, 2023, p. 113). Desse modo, o “erro” ou a inadequação linguística pertenceriam à fala de uma pessoa não escolarizada. Aqui, sobressai-se mais uma vez a ideia da existência de uma língua platônica (Preston, 2004). Sobre o modo de falar bacabalense, especificamente, poucos informantes conseguem exemplificá-lo. No entanto, destacam-se, abaixo, trechos das entrevistas de dois informantes que teceram metacomentários sobre a fala maranhense e a fala da região Mearim, excertos (19) e (20).

(19) D1: *e como é que você acha que as pessoas de Bacabal falam tem alguma característica no modo de falar bacabalense?*

S1: eu acho tem assim porque dizem né que o maranhense é um dos dos estados que mais se fala bem né

D1: *é?*

S1: *apesar de que a gente vê muitas muitas coisas assim que a gente num considera que seja tão bem assim né mas*

D1: *entendi*

S1: dizem né

D1: mas assim em relação à Bacabal mesmo específico?

S1: eu acho que o bacabalense num tem um uma diferença assim

BAC2019-M2M-Ricardo L.

(20) *D1: entendi eh e assim como é que as pessoas falam aqui na cidade de Bacabal? Tem alguma característica específica no falar bacabalense?*

S1: não

D1: não o senhor acha

S1: eu acho que eu acho que o o o a fala (xxx) muito regionalizada

S1: nossa região região mearim com... tem um tom de voz o pessoal lá da baixada (maranhense) já tem outro né (xxx) você vai pra lá se tu for lá pra Cururupu Pinheiro vai ver que lá o tom da voz deles o ritmo deles já é outro (aqui o nosso é um)

D1: entendi

S1: não exclusivo de Bacabal mas de região

D1: entendi eh e assim dentro da cidade o senhor vê diferença entre os bairros na forma de falar? Bairro tal fala assim ou tem uma característica não?

S1: nunca percebi isso não

D1: (risos)

S1: eu acho que é tudo a mesma coisa

BAC2019-M3S-Vicente A.

Ao responder à pergunta em que o documentador pede ao entrevistado que dê exemplos de características da fala bacabalense, Ricardo L., no excerto (19), comenta que acha que há sim características sobre a fala maranhense, mas, no que diz respeito à fala bacabalense, ele entende que não há diferença entre os bairros da cidade e enfatiza que não percebe características específicas no modo de falar dos bacabalenses. Portanto, enxerga o português maranhense de modo homogêneo.

No excerto (20), Vicente A., respondendo à mesma pergunta, traz uma perspectiva mais detalhada. Para ele, há uma regionalização da fala e, na Região Mearim, cuja principal cidade é Bacabal, há – “um tom de voz” - diferente do pessoal da baixada maranhense. Ele coloca em evidência os

aspectos prosódicos – “*você vai pra lá se tu for lá pra Cururupu Pinheiro vai ver que lá o tom da voz deles o ritmo deles já é outro (aqui o nosso é um)*” – e garante que não há uma forma de falar bacabalense, mas sim uma forma de falar ou tom de voz regionalizado – “*não exclusivo de Bacabal mas de região*”.

A visão de Vicente A. apresenta, portanto, uma unidade linguística da Região, não da cidade em si. Em seguida, ao ser perguntado sobre a forma de falar “A porta tá aberta” (com tepe exagerado)”, ele comenta que “*pra mim eu acho que o português mais correto... no Brasil num conheço todos mas eu acho que pelo o que já vi (xxx) o nosso português aqui ele é mais correto é mais claro*”. Segundo ele, comparado ao sotaque do gaúcho e do paraense “*o nosso é bem (xxx) o nosso é bem mais aproximado*”. Por fim, a maioria dos informantes, ao responder à pergunta sobre as características da fala bacabalense, evidenciou exemplos como “*nam*” e “*mermã*”.

Lopes (2019, p. 38) entende que a localização da cidade de Bacabal “pode revelar uma realidade linguística não tão simples quanto parece, tendo em vista o fato de ser uma regional que recebe diariamente pessoas das cidades circunvizinhas”, podendo, assim, influenciar linguisticamente os bacabalenses. Coloca-se em evidência ainda o fato de Bacabal ter sido uma das cidades que mais receberam migrantes nordestinos entre os anos de 1930 e 1970. Segundo Ferreira (2015, p. 19), “em quatro décadas, muitas práticas sociais e culturais são tecidas no cotidiano do trabalho e de vida de pessoas com múltiplas experiências”.

Embora não seja o foco deste estudo, acredita-se que o contato com cearenses, piauienses, paraibanos, entre outros, tenha oportunizado a criação de um ambiente diverso em todos os sentidos. Essa hipótese, em parte, poderia ser ilustrada a partir dos metacomentários do informante Raimundo S., no excerto 21, ao comentar que há uma “*mistura danada*” na fala de bacabalenses. Ele ainda destaca que o ludovicense fala de uma forma diferente do bacabalense. A fala bacabalense é mais clara, não há “*chiadeira*” nem “*cantado*”, diferentemente do ludovicense que “*fala cantando*”.

(21) D1: *eh como é que o senhor acha que as pessoas falam na cidade de Bacabal tem alguma característica no/no falar?*

S1: *no falar?*

D1: *é hamram dos bacabalenses*

S1: eu num... nam eu acho que é misturada danada né... o (xxx) o maranhense fala... São Luís já fala de uma forma né mais o Bacabal o bacabalense ele já fala de uma forma mais clara um português mais num tem chiadeira num tem cantado (xxx) os pessoal de São Luís fala cantando

BAC2019-M3M-RaimundoS

Em síntese, a análise dos metacomentários dos informantes ludovicenses e bacabalenses permitiu, em parte, entender o comportamento avaliativo explícito (Labov, 2008 [1972]; Guy, 2012) desses falantes. Todos os metacomentários dos informantes ludovicenses endossam, direta ou indiretamente, o discurso que reflete a superavaliação da variedade maranhense/ludovicense.

Por outro lado, de maneira geral, os informantes de Bacabal apresentam alguns metacomentários sobre a forma de falar da cidade, contudo, nota-se, que os falantes analisados não apresentam metacomentários tão explícitos, ou seja, não conseguem detalhar a sua própria variedade e, por isso, não são específicos quanto a quais traços linguísticos seriam intrínsecos à variedade bacabalense, por exemplo. Talvez isso se deva à inexistência de uma herança linguística, composta por histórias e cultura literária³⁷, que pudesse ser refletida atualmente na cidade, como é o caso da capital, São Luís (Cf. Maranhão, 2012 [1946]; Serra, 1965; Borralho, 2009).

Todavia, as associações feitas pelos bacabalenses, assim como as dos ludovicenses, apontam para um certo posicionamento popular sobre a língua (de cima para baixo) que, segundo Preston (2004, p. 64), perpassa a ideia da existência de uma “boa língua”, aquela idealizada, correta, seguida de uma “língua comum” que culminaria nos “dialetos” e “erros”.

³⁷ Essa hipótese será explorada na subseção 3.3, a seguir.

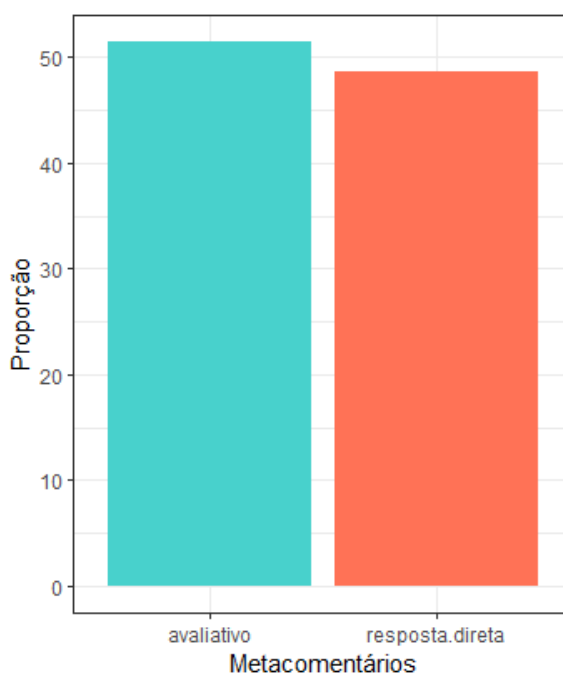
Com a análise realizada até aqui, observou-se que: (i) ludovicenses e bacabalenses se diferenciam, em quantidade e qualidade (tipos), quanto às avaliações sociolinguísticas sobre as suas próprias variedades e sobre a variedade maranhense; (ii) ludovicenses se identificam como falantes de um melhor português; (iii) ludovicenses apresentam o pronome tu para justificar a supervalorização da variedade ludovicense/maranhense; e (iiii) bacabalenses não se identificam como falantes de um melhor português. Em relação a essa constatação sobre bacabalenses, a análise que será apresentada a seguir, dá outro direcionamento para essa discussão.

3.3. Análise dos metacomentários extraídos das novas entrevistas de bacabalenses

A partir dos resultados apresentados acima e de perguntas utilizadas em Santos (2015) e Lopes (2019), foi construído um roteiro de entrevista e novas entrevistas foram gravadas em Bacabal. Na figura 8, a seguir, estão coligidos os metacomentários produzidos pelos 19 informantes bacabalenses suscitados a partir destas perguntas: 10. Há um discurso popular entre os brasileiros que afirma que os maranhenses falam o melhor português do Brasil. O que você acha disso?.

Figura 8: Nuvem de palavras com os metacomentários extraídos da pergunta que trata sobre a supervalorização do português maranhense

Figura 9: Proporções dos tipos de metacomentários relacionados ao discurso da supervalorização do português maranhense



Fonte: Elaborada pelo autor.

Como se observa na figura acima, as proporções entre os tipos de metacomentários são bem próximas. Alguns informantes foram bem diretos nas respostas (49%) e não apresentaram metacomentários avaliativos, como “sim”, “não”, “verdade”, “concordo”. Em contrapartida, outros informantes foram bem enfáticos em relação à supervalorização do português maranhense, apresentaram metacomentários avaliativos (51%) e compararam-no ao português falado em outros lugares como São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Pernambuco e Recife, conforme os excertos (22), (23), (24) e (25).

(22) S1: ***eu também acho tenho** uma experiência já morei em São Paulo por quase um ano... e lá eles é muito diferente o sotaque deles vamos supor eh... ah eu vou ao supermercado vou a padaria aí lá em São Paulo eles usam “a gente vai a gente” “vai à padaria” tem outras formas também só que agora no momento eu esqueci só que é totalmente ao contrário e a gente percebe que é errado num é é a forma certa de falar*
D1: *entendi*

A informante Juliete afirma que o maranhense fala o melhor português e diz que em São Paulo o sotaque é muito diferente. No entanto, apresenta um exemplo morfofossintático para evidenciar a diferença entre as duas variedades: o maranhense falaria “*vou a supermercado*” enquanto em São Paulo os falantes usariam “a gente vai”, “vai à padaria”. Já em (23) e (24), os informantes Luís e Brenda concordam com a afirmação da supervalorização do português maranhenses e dão exemplos fonéticos para justificar a resposta deles. Luís, em (23) diz que em outros Estados os falantes falam errado em alguns pedaços e exemplifica com a realização do /R/ pós-vocálico: “*po[h]ca*” e “*po[ɹ]ca*”. Para ele, o maranhense fala correto, pois “*se comparar com a escrita tecnicamente eu acho que dá pra ver que a gente é o que fala mais próximo mesmo que seria o correto*”.

(23) S1: ***eu chego a concordar***

D1: *é?*

S1: *chego a concordar eh se comparar com alguns outros estados... eles meio que alguns pedaços eles falam errado por assim dizer né se for pegar a escrita e comparar o nosso com o de outros Estados acaba dando pra notar por exemplo **algumas coisas que eles falam tipo “po[ɹ]ca” aquele r arrastado nós não é po[h]ca né po[h]ca po[h]ca é “po[ɹ]teira” (xxx) eh isso daí até esqueci o pessoal que fala assim também tem o a galerinha que fala muito arrastado eh pessoal lá do Rio por exemplo tem uns colega meu que fala bem arrastado***

S1: ***eu... assim se for comparar com a com a nossa fala né e comparar com a escrita tecnicamente eu acho que dá pra ver que a gente é o que fala mais próximo mesmo que seria o correto***

BAC2023-M1M-Luís

No excerto (24), a informante Brenda, por sua vez, também acha o discurso coerente e apresenta como exemplo a diferença entre a fala dela e a fala do pai, que é pernambucano, a partir das diferenças entre os segmentos sonoros [tʃ]ia (consoante africada alveopalatal desvozeada) e [t]ia (consoante oclusiva alveolar desvozeada). Segundo Brenda, a forma usada por ela, [tʃ]ia, seria a forma mais correta, mas, no entanto, ela comenta que os familiares acham que ela é quem fala errado:

(24) S1: **eu acho coerente eu acho o certo**

D1: humrum

S1: **por que tipo quando eu viajo pra onde meu pai meu pai é pernambucano e eles falam “[tia] [ti] amo” então**

S1: **eu falo [t̃ia] e eles falam que eu falo chiando**

D1: (humrum)

S1: **eles falam que (eu tenho) um x no meio mas não é é a forma mais correta... que a gente fala**

S1: e eles acham que eu falo errado então eu acho que tem essa diferença porque (tipo) **se pegar uma pessoa falar [tia] e [t̃ia] dá pra saber qual é o certo porque não existe no dicionário [tia] com acento agudo existe o [t̃ia] normal então dá pra diferenciar**

D1: então você concorda (xxx)

S1: humrum sim com certeza

BAC2023-F1S-Brenda

Na resposta de Emanoela, em (25), encontra-se uma avaliação positiva sobre o português maranhense: “não chia tanto”, “não acrescenta e letra onde não tem”. Embora a família estranhe o modo de falar do maranhense, acredita que, segundo o que ela já ouviu, “em questão de gramática o maranhense é o que mais fala correto a gramática”:

(25) S1: **eu acho que é verdade**

D1: é? Por que que você acha que é verdade?

S1: acha não chia tanto (risos)

D1: é?

S1: a gente não acrescenta e letra onde não tem (risos)

D1: é?

S1: na hora de falar que eu digo oh porque... minha família por parte de pai tem uns que mora em Belém tem outros que mora em em Recife então a gente quando eles vem a gente vê e eles acham estranho também a maneira com que a gente fala

D1: humrum

S1: **apesar que a gente/só estranho a eles porque são tão vindo de fora mas também eles acham... mas eu já ouvir falar que em questão de gramática o maranhense é o que mais fala correto a gramática**

BAC2023-F1S-Emanoela

Nas respostas dos informantes Beto (26), Naiara (27), Bruna (28) e Sofia (29), evidencia-se uma relação entre o falar maranhense, o sotaque e as gírias. Beto (26) entende que há diferenças entre a fala de ludovicenses e bacabalenses. Aqueles usam muitas gírias enquanto estes não fazem uso de gírias. Embora ele indique que há diferença entre as duas variedades, não apresenta exemplos para justificar tal diferença. Naiara (27), por seu turno, acredita que o sotaque de outros lugares faz com que os falantes mudem algumas palavras. O maranhense, no entanto, não teria esse problema: “o maranhense eles fala as palavra mermo bem certinho”. De um modo geral, o sotaque de outras variedades como a paulistana, a carioca e a pernambucana, a título de exemplo, são associadas, principalmente, ao adjetivo “arrastado”, que indica, entre outros aspectos, a percepção prosódica dos falantes.

(26) S1: **sim eu também acho**

D1: *é?*

S1: **porque eh eu acho né mas assim tem os sotaque né o povo de São Luís né da capital fala mais eles fala com uma certa gíria né**

S1: **assim agora... o o português bem mais bem falado eu acho que é mais bem falado do que em muito lugar... eu acho**

S1: (xxx) *lá em São Luís a gente vê diferenças demais até no até no palavreado mesmo*

D1: *poderia dar algum exemplo?*

S1: *como que eu posso te dizer rapaz... eles falam meio arrastado tem um eles tem uma gíria tem gíria demais assim aqui não a gente não tem gíria assim que nem eles lá não sei nem te explicar direito como é que é que eles falam “olha meu cumpade” num sei o quê fala diferente*

D1: **o bacabalense não fala assim?**

S1: **o bacabalense não fala assim com gíria**

BAC2023-M2S-Beto

(27) S1: **eu acho que é verdade** porque geralmente os outros lugares tem um sotaque que às vezes muda às vezes a palavra o sotaque né da pessoa (não que ela esteja errada) (xxx) **e os nordestino o maranhense eles fala as palavra mermo bem certinho**

BAC2023-F1M-Naiara

Segundo Freitag *et al.* (2016, p. 72), “a permeabilidade de elementos da oralidade à indexação de valorações, fazendo emergir estereótipos e marcadores”, seria o resultado das políticas linguísticas brasileiras, que, de um modo geral, “[...] priorizaram a modalidade escrita e o nível gramatical, em detrimento da oralidade [...]”, dentre outros aspectos relacionados aos aspectos suprasegmentais (acento tônico, tom, ritmo, entre outros) que auxiliam na identificação de particularidades das variedades linguísticas. Na mesma direção dos outros informantes, Bruna (28) e Sofia (29) afirmam que o maranhense fala o melhor português, pois não tem “sotaque”, não “chia”, não tem “gírias” e não “puxa a língua”.

(28) S1: **no meu ver sim porque a gente não tem um sotaque né**

D1: humrum

S1: como outros estados alguns estados chiam muito outros puxam mais o r e eu acho que o... o bacabalense o maranhense ele fala mais explicado

D1: hum

S1: porém mais alto né mas ele fala assim mais explicado e sem gíria não sem gírias não **sem sotaque**

BAC2023-F1M-Bruna

(29) S1: **sim**

D1: é?

S1: sim

D1: por que assim o que que?

S1: eu acho que ele é o que fala melhor né o o português entendeu porque esses que vêm de fora eles traz assim eles puxam a língua têm um chiado e nós não nós falamos bem corretinho né

BAC2023-F2M-Sofia

Há ainda entres os informantes, aqueles que têm dúvida em relação ao discurso da supervalorização do português maranhense (N=2). Há outros que não acreditam nesse discurso por motivos diversos (N=4), conforme se evidencia em (30), (31), (32) e (33). Zilpa (30), ainda que seja nascida e criada no Estado, não se vê como falante de um português correto. Portanto, ela

entende que o fato de ser maranhense não seria suficiente para se denominar como alguém que fala a melhor variedade do português brasileiro.

(30) S1: *acho que não*

D1: *não por quê?*

S1: acho que não... sei lá eu acredito que não assim eu pelo menos não me acho eu não acho que eu falo correto e aí por ser maranhense nascida e criada aqui sei não acho que não

BAC2023-F2M-Zilpa

Por outro lado, a informante Andyara (31) afirma que o melhor português não existe. Segundo ela, todos falam português, no entanto, o local em que a pessoa vive influencia diretamente no seu modo de falar. Comenta ainda o fato de o falante ter a capacidade de se acomodar à fala do outro, ou seja, “o indivíduo, com o objetivo de garantir a aceitação social, tenta convergir a sua maneira de falar de acordo com o a do seu interlocutor” (Giles 1973 *apud* Lima, 2013, p. 44).

(31) S1: **eu acho que isso não existe**

D1: *é?*

S1: *todos nós falamos português só que existe a questão do regionalismo cada pessoa vai falar de acordo com o lugar onde ela convive*

D1: *humrum*

S1: porque mesmo se a pessoa não tenha nascido aqui ela vai acabar se acostumando com a aquela forma de falar talvez ela não fale... tão igual as outras pessoas fica uma pontinha daquele sotaque de onde ela veio do país de onde ela veio mas a pessoa vai se acostumando porque o ser humano ele é muito de se adaptar então a gente vai se adaptando a forma de falar

BAC2023-F1S-Andyara

No relato de Ronaldo (32), observa-se uma rejeição ao discurso apresentado, considerando-o “até engraçado” e “irônico”, pois, para ele, o maranhense “tem cada linguajar doido” como “oxe”, “mermã”. Argumenta ainda que a palavra “mermã” não pode ser uma palavra correta e, figura-se, segundo ele, como uma palavra característica da variedade maranhense. Isso

evidenciaria, portanto, que o maranhense não fala a melhor variedade do português brasileiro.

- (32) S1: **(risos) eu acho... eu acho até engraçado e irônico num sei porque o maranhense é bicho que fala e tem cada linguajar doido oxe mermã... mas**
 S1: **se... for isso (risos) (xxx)**
 D1: *mas aí o que teriam assim nessas expressões que você comentou assim*
 S1: *do mermã oxe?*
 D1: *é*
 D1: *o que que você acha dessas expressões?*
 D1: *(xxx)*
 S1: *eu acho engraçado eu acho engraçado que coisa bem do interior*
 D1: **mas aí você acha que o maranhense fala o melhor português... ou não?**
 S1: **eu acho que não**
 D1: *não?... por quê? Saberla dizer?*
 S1: *por que tem muito tem gente que está confundindo assim... sei lá o o mermã não pode ser uma palavra certa porque ele é tipo um gíria né*
 D1: *hum*
 S1: *o oxe também então pra mim*

BAC2023-M1M-Ronaldo

Como último exemplo, apresenta-se declaração de Marcela (33) que diz, de imediato: “*eu discordo*” e, ao ser perguntada sobre o motivo da discordância, ela aponta para o fato de que já observou bacabalenses falando errado. Como exemplo disso, cita o uso do pronome tu, e, inferindo-se aqui, indica que o uso do pronome você seria o mais adequado, comparativamente ao pronome tu: “*tu (xxx) é difícil falar você é o tu ou então ramo é vamos*”. Esse tipo de avaliação vai de encontro a algumas avaliações de ludovicenses, que entendem o uso pronome tu como o mais adequado em detrimento do pronome você. Discute-se essa questão mais adiante.

- (33) S1: **eu discordo**
 D1: *é?*
 S1: **eu discordo**
 D1: *por quê?*
 S1: **porque eu já presenciei bacabalenses que que falam muito errado**

excertos (38), (39) e (40). Há, ainda, três informantes que apresentam metacomentários que fogem desses conjuntos de avaliações: (i) modo informal; (ii) usa, mas não apresenta avaliação; e (iii) apenas considera estranho.

Juliete (34) e Andyara (35) consideram o uso do pronome tu como “comum” e “normal”, caracterizando-se, assim, como um uso típico da variedade bacabalense. Andyara, em particular, entende que o bacabalense “usa muito o tu” e dificilmente “fala você”:

(34)S1: comum

D1: *comum?*

S1: eu acho comum aqui em Bacabal ah tu comprou um pão errado... normal (risos – S1)

D1: *normal as pessoas eh falam*

S1: normal

S1: *sim*

D1: *falam desse modo*

S1: *sim*

BAC2023-Juliete

(35)S1: normal é uma frase bem típica bacabalense

D1: *você fala assim?*

S1: *sim eu falo assim*

D1: *entendi o bacabalense fala assim né?*

S1: fala a gente usa muito o tu é difícil a gente vê uma pessoa que fala você

BAC2023-Andyara

Diferentemente das duas informantes anteriores, Tânia (36) e Luana (37) apresentam um certo estranhamento ao modo de falar “tu comprou pão errado”. Tânia comenta que não costuma “usar muito a palavra tu”, mas gosta de usar o pronome você. Acha estranho quando amigas se referem às suas mães com o pronome tu. Do mesmo modo, Luana apresenta uma avaliação negativa, pois não gosta do pronome tu, ainda que não especifique o porquê de tal avaliação. Além do fato de não gostar, ela enfatiza que corrige a sua filha quando esta usa o pronome tu; ela prefere usar os pronomes de tratamento senhora ou você.

(36)S1: eu num eu num co eu num... eu num costume usar muito a palavra tu eu sempre gosto de usar você (xxx)

D1: é?

S1: (xxx) mas eu sempre gosto de usar o você

D1: entendi

S1: então eu acho ah pra mim às vezes soa um pouco estranho tipo quando a pessoa fala tipo quando eu vi as minhas as minhas amigas chamando a própria mãe de tu “mãe tu fez isso?” eu achava assim (que eu sempre chamo a minha mãe “a senhora fez isso?”) então quando falava tu... então eu achava meio assim... estranho

D1: entendi... eh você fala no caso você não fala assim né?

S1: não oh/eh é não é muito raro eu falar a palavra tu

D1: hum

S1: eu me referi (a um outra pessoa) falando tu

D1: entendi

S1: eu sempre procuro falar você (se for mais velho) senhor e senhora

BAC2023-Tânia

(37) S1: eu particularmente não gosto da palavra tu

D1: humrum

S1: não gosto muito de usar a palavra tu eh tem até a minha filha e ela fala “tu” e sempre quando ela fala eu tento corrigir

D1: humrum

S1: porque eu não acho muito legal essa palavra tu prefiro usar a senhora ou então você então tu pra mim essa frase de tu comprou não acho muito legal

D1: entendi então você não desse modo né?

S1: não não

BAC2023-Luana

Os metacomentários das informantes Tânia (36) e Luana (37), acima, assim como os metacomentários de Naiara (38), Zilpa (39) e Emanoela (40), a seguir, apresentam um indício da existência de uma certa avaliação positiva em favor do uso do pronome você, levando-se em conta que muitos informantes (N=8) apresentaram, direta ou indiretamente o uso do pronome você. No que se refere ao uso do pronome tu, os metacomentários evidenciam uma certa preferência pelo uso desse pronome, observando-se, contudo, o entendimento dos informantes sobre uma crescente tendência de uso do pronome você no lugar do pronome tu que, segundo eles, seria uma influência da televisão. Esse entendimento corrobora os resultados de Alves (2010; 2015)

e Carneiro (2011), que apontam para o crescimento do uso do pronome você por parte dos ludovicenses. Dos informantes (N=5) que consideraram o pronome tu como uma forma linguística errada, apenas uma informante apontou para uma inadequação da concordância entre pronome tu e o verbo.

(38)S1: eu acho errado

D1: o que que tem de errado aí?

S1: eu acho que é você comprou errado

D1: você fala desse modo?

S1: não eu falo você

D1: quem que você acha que fala assim?

D1: tu comprou errado o bacabalense fala assim?

S1: não acho que não

D1: como (xxx) bacabalense falaria?

S1: acho que você você comprou errado

BAC2023-Naiara

(39)D1: o que você acha desse modo de falar aqui: “tu comprou errado”?

S1: eu acho que tá in não tá tá incorreto

D1: tá?

S1: porque você comprou errado né

D1: hum

S1: (eu num sei)

D1: você falaria assim?

S1: tu comprou errado?

D1: humrum

S1: falaria

D1: falaria?

S1: mesmo achando incorreto falaria

BAC2023-Zilpa

(40) S1: a gente usa muito o tu em vez do você

D1: hum

S1: eu acho realmente... que sim seria

D1: e aí você acha que deveria ser o você?

S1: eu acho que sim {J}

D1: ou (xxx)

S1: acho que é o mais correto né

D1: é?

S1: você comprou errado (xxx)

D1: entendi... no caso o bacabalense fala assim tu comprou errado?

S1: tu

D1: não utiliza utiliza o você ou não?

S1: isso

BAC2023-Emanoela

Em síntese, a análise das novas entrevistas com bacabalenses, que focaram nas avaliações sociolinguísticas, evidenciou que, quando eliciados com perguntas mais diretas, como a pergunta que versava sobre a supervalorização da variedade maranhense, e a pergunta que pedia uma avaliação sobre a realização do pronome tu, a maioria dos informantes teceu metacomentários positivos em relação à variedade maranhense, evidenciando-se que, assim como os ludovicenses, os bacabalenses também acreditam que o maranhense fala o melhor português do Brasil.

No que tange à realização do pronome tu, muitos (N=7) consideram o seu uso como normal, ainda que se constate uma pequeníssima vantagem da avaliação positiva do uso do pronome você (N=8). Esses números indicam, aparentemente, uma divergência em relação à avaliação do uso do pronome você entre ludovicenses e bacabalenses, tendo em vista a predominância de uma avaliação positiva por parte dos bacabalenses e a existência de uma certa avaliação negativa entre os ludovicenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo central analisar as avaliações sociolinguísticas sobre a variedade maranhense, a partir de metacomentários extraídos da fala de informantes ludovicenses e bacabalenses, com intuito de verificar quais avaliações emergiam do discurso desses falantes acerca do discurso popular que diz que é o maranhense quem fala o melhor português e se propôs a responder as seguintes perguntas: Que tipos de avaliações sociolinguísticas sobre a fala maranhense são produzidas por residentes das cidades de São Luís e Bacabal? Ludovicenses e bacabalenses apresentam diferenças entre essas avaliações? Ludovicenses e bacabalenses (maranhenses) se identificam como falantes de um melhor português? Ludovicenses e bacabalenses apresentam o pronome tu (com ou sem concordância verbal) como uma suposta justificativa para a manutenção do discurso da supervalorização da variedade maranhense?

Essas questões foram suscitadas a partir da constatação de discursos populares, apresentados na Introdução deste trabalho, que se apresentam da seguinte maneira: (i) o maranhense fala um bom português; (ii) é o ludovicense quem fala o melhor português, não todos maranhenses. De um lado, em uma perspectiva mais geral, alguns acreditam que todos os maranhenses falam um bom português. Por outro lado, há aqueles que acreditam que não são todos os maranhenses que falam o melhor português, mas sim os ludovicenses. Infere-se desses discursos, portanto, que falantes residentes em São Luís se aproximariam mais da variedade padrão da língua em relação a outros falantes de outras cidades do Maranhão.

No entanto, Alves (2010), ao analisar a realização de pronomes pessoais de 2PS na fala de maranhenses, constatou o seguinte cenário: os ludovicenses realizaram mais formas pronominais de segunda pessoa com “você” (52,2%). De modo contrário, a autora evidenciou, ainda, que algumas cidades mais distantes da capital como Bacabal, por exemplo, utilizaram mais o pronome “tu” (56,5%). Esses dados importam porque mostram, aparentemente, que a produção linguística dos ludovicenses não acompanha a avaliação,

considerando o discurso popular e o uso esperado do pronome “tu”. A partir dessa discussão, aventou-se a seguinte hipótese, a qual guiou a realização deste trabalho: se não há, aparentemente, uma relação direta entre produção e avaliação linguística, era de se esperar que a forma linguística “tu” (com ou sem concordância verbal) não aparecesse nas avaliações de ludovicenses quando perguntados sobre quem eles acham que falam o melhor português brasileiro. Por outro lado, por exemplo, era de se esperar que bacabalenses fizessem a referência a esse pronome quando igualmente solicitados a justificar a pergunta sobre quem fala o melhor português brasileiro.

No capítulo 1, a fim de apresentar o campo teórico desta pesquisa, tratou-se sobre pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972], Eckert, 2012), mais detidamente sobre os estudos de avaliação sociolinguística (Oushiro, 2015; 2021a; 2021b; Freitag *et al.* 2015; 2016). Apresentou, ainda, brevemente, a resenha de alguns estudos sobre os *pronomes pessoais de segunda pessoa do singular* (Alves; 2010; 2015; Carneiro, 2011, dentre outros) e discutiu sobre como os correlatos subjetivos são relevantes para se compreender aspectos da variação linguística.

Em seguida, o capítulo 2 mostrou os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, bem como apresentou uma descrição das amostras analisadas e os direcionamentos para a construção de uma nova amostra de bacabalenses, com foco agora em avaliações sociolinguísticas. Foram analisadas duas amostras de fala da maranhense: 26 ludovicenses (Santos, 2015) e 12 bacabalenses (Lopes, 2019). Em seguida, a nova amostra construída, composta por 19 informantes, também foi considerada.

Enfim, no capítulo 3, os resultados foram apresentados. Resumidamente, a análise das avaliações sociolinguísticas evidenciou que ludovicenses (Santos, 2015) e bacabalenses (2019) se diferenciam, em quantidade e qualidade (tipos) de metacomentários. Os ludovicenses (Santos, 2015), por um lado, identificam-se como falantes de um bom português e, espontaneamente, apresentam metacomentários sobre o discurso que trata

sobre a supervalorização do português maranhense e, em alguma medida, apontam o pronome “tu” como uma marca linguística que justificaria esse discurso, principalmente, em São Luís, ao passo que o pronome “você” recebe, ainda que minimamente, uma avaliação negativa entre alguns ludovicenses.

Por outro lado, a análise da amostra de Lopes (2019) permitiu observar que bacabalenses não se identificam como falantes de um melhor português e pouco apresentam metacomentários explícitos sobre sua própria forma de falar. Talvez isso se deva à inexistência de uma herança histórico-linguística, cultural e literária, e ao processo migratório pelo qual a cidade passou no século passado. No entanto, as novas entrevistas gravadas com bacabalenses evidenciaram que, ao serem questionados diretamente sobre esse discurso e sobre a utilização do pronome “tu”, a maior parte dos bacabalenses teceu metacomentários positivos em relação à variedade maranhense, assim como os ludovicenses, sugerindo que os bacabalenses também acreditam que o maranhense fala a melhor variedade do português brasileiro. As avaliações em torno do uso do pronome “tu” mostram-no como uma marca linguística comum na variedade bacabalense, ainda que prevaleçam avaliações positivas do uso do pronome “você”. Esses resultados indicam a existência de uma divergência em relação à avaliação do uso do pronome você entre ludovicenses e bacabalenses.

Por fim, a análise dos metacomentários dos informantes ludovicenses e bacabalenses empreendida neste trabalho permitiu, em parte, entender o comportamento avaliativo explícito (Labov, 2008 [1972]; Guy, 2012) desses falantes em relação a aspectos específicos da variedade maranhense: a supervalorização e o uso do pronome “tu”; ampliando, assim, a descrição sociolinguística do português maranhense, especialmente, no sentido de apresentar como os maranhenses avaliam a sua própria variedade. Portanto, nota-se que, de um modo geral, todas as avaliações sociolinguísticas dos informantes ludovicenses e bacabalenses endossam o discurso que reflete a superavaliação do português falado no Maranhão. Além disso, este estudo iniciou a discussão de uma proposta que poderá ser explorada futuramente: acredita-se que o contato com cearenses, piauienses, paraibanos, entre

outros, por ocasião dos processos migratórios que ocorreram entre os anos de 1930 e 1970, tenha oportunizado a criação de um ambiente linguístico diverso na cidade de Bacabal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carolina Queiroz. *Tu e mais quantos?* - A segunda pessoa na fala brasiliense. Brasília, 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2010.

ANDRADE, Carolina Queiroz. *A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome tu*. 2015. 157f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2015.

ANDRADE, C. Q.; ALVES, C. C. B.; SCHERRE, M. M. P. Considerações sobre o significado social da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular: variedades maranhense e brasiliense. In: *Ciência Geográfica* - Bauru - XXVI - Vol. XXVI - (3): Janeiro/Dezembro – 2022. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/3082>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem previa*. 220 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1979.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTO, Danielle Baltieri. *Caipiracicabano: avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba-SP*. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2021.

BORRALHO, José Henrique de Paula. *A Athenas equinocial: a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro*. 2009. 333f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Título original: *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: A Sociolinguistic Study in Brazil*. Cambridge University Press, 1985. Tradução Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português*. Alfa, São Paulo, 56 (3): 1035-1064, 2012.

CALMON, Elba Nusa. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

CARNEIRO, Honorina Maria Simões. *As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense*. 147 f. Tese (Doutorado em linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2011.

CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque de. *“O que você acha do uso de tu?”: a percepção da variação dos pronomes de 2SG no dialeto carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2019.

CARVALHO, R. C. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, 1997.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUSA, C. M. N.; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Raquel Maria da Silva. *A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA*. 2016. 390f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. 2007. 113f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. Paper presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland CA. Jan 7, 2005.

ECKERT, Penelope. 'Variation and the indexical field'. In: *Journal of Sociolinguistics*. 12: 453–76, 2008.

ECKERT, Penelope. 'Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation'. In: *Annual Review of Anthropology* vol. 41, p. 87–100, 2012.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. *Construção do eldorado maranhense: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim-MA (1930-1970)*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2015)

FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Seña*, v. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; SNICHELOTTO, C. A. R.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016.

GARCIA, B. L. *Identidade social e atitude linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista*. 157 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.

GUY, Gregory; ZILES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, Gregory. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. In: *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30194>. Acesso em: 13 jul. 2023.

GRIES, Stefan Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: a practical introduction*. New York and London: Routledge, 2009.

GRIES, Stefan. Estatística com R para Linguística: uma introdução prática. Tradução de Heliana R. Mello. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2019.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, M. F. de O.; NOVAIS, Z. de O.; OLIVEIRA, M. S.; LEMOS, D. M. Formas tratamentais no semiárido baiano: contribuições para uma configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. In: LOPES, N. S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. K. (org.). *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 39-57.

LEITE, Cândida M. Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. Dissertação de Mestrado. 138f. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.

LEVSHINA, Natalia. *How to do Linguistics with R: data exploration and statistical analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

LOPES, João Vitor Cunha. *A realização da concordância nominal de número em Bacabal-MA*. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Curso de Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2019.

LOPES, João Vitor Cunha. A concordância nominal de número em Bacabal-MA. In: Revista De Estudos Da Linguagem - *Falange Miúda*, 5(2), 110-134, 2020a. Disponível em: <http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/298>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LOPES, João Vitor Cunha. Considerações sobre a realização variável da concordância nominal em Bacabal-MA. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 3, e2008, p. 1-17, set.-dez./2020b. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2008/773>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LOPES, João Vitor Cunha. Avaliações (socio)linguísticas sobre a fala de ludovicenses. In: *Revista de Letras JUÇARA*, Caxias – Maranhão, v. 06, n. 02, p. 277 - 295, dez. 2022. Disponível em: <https://www.ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2991>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LOPES, João Vitor Cunha Lopes. As formações imaginárias sobre a concordância nominal de número não padrão em Bacabal-MA. In: *Primeira*

Escrita, v. 10, n 1, p. 105-116, jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/18011>. Acesso em: 23 jul. 2023.

LOPES, C. R. S.; OLIVEIRA, T. L.; CARVALHO, B. B. A. A expressão da 2ª pessoa do singular: variação e percepção numa abordagem experimental. In: *TODAS AS LETRAS*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 117-132, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9173>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2004.

LIMA, Izete de Sousa. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, 2013.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 58. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (organizadores). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARANHÃO, Frei Francisco de Nossa Senhora dos. *Poranduba Maranhense ou Relação histórica da Provincia do Maranhão*. 3 ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2012.

MENDES, Ronald Beline. 'A terceira onda da sociolinguística'. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Novos caminhos da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MENDES, Ronald Beline. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal*. Tese (Livre de Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*. Curitiba, 1995, n.44, p. 91-106.

MILROY, L. *Language and social networks*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].

MILROY, Lesley. Social networks. In: Chambers, J.K., P. Trudgill & N. Schilling-Estes (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2004.

MIRANDA, Antonio Luiz Alencar. *Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu*. 2014. 157f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2014.

MODESTO, Artarxerxes Tiago T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância entre tu / você na cidade de Santos - SP*. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para Análises Sociolinguísticas. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Organizadora). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 134-177.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo*. 2015. 390 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, Livia. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 63, 304–325, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33777#:~:text=Os%20m%C3%A9todos%20para%20acessar%20as,cada%20qual%20com%20suas%20vantagens>. Acesso em: 22 jul. 2023.

OUSHIRO, Livia. *Introdução à Estatística para Linguistas*, v.2.0.3 (maio/2021). Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.822069>. Acesso em: 15 jul. 2023.

OUSHIRO, Livia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), 50(1), 318–336. 2021a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100>. Acesso em: 14 jul. 2023.

OUSHIRO, Livia. A importância de estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas. *Revista de Letras* - no. 40 - vol. (1) - jan./jun. 2021b. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/71443>. Acesso em: 20 jul. 2023.

PAGOTTO, E. G. *Variação e Identidade*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Unicamp, São Carlos-SP.

PRESTON, D. Language with an attitude. In: CHAMBERS, J. K. TRUDGILL, P.; SCHILLING, N (Ed). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 40-66.

R CORE TEAM (2023). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni. *O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG: a concordância nominal e verbal*. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de PósGraduação em Linguística – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo*. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 555f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. C. Por onde transitam o tu e o você no nordeste? *Revista de Letras*- nº 40, vol. (1) - jan./jun. p. 164-197, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/65548/1/2021_art_mmpscherrecqandrade.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

SERRA, Astolfo. *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.

SOARES, Maria Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Rio de Janeiro. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras), PUC Rio de Janeiro, 1980.

SORIANO, L. G. M. *Percepções sociofonéticas do (-r) em São Paulo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, J. A. A. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior da Bahia*. 2005. 340f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

TEIXEIRA, Virna Pereira. *Variação linguística e fluxos migratórios: a concordância nominal de número na fala dos moradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias – MA*. 124f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista

1. Você mora em qual bairro? (Há quanto tempo você mora neste bairro?)
2. Gosta de morar lá? (Gosta de morar aqui?)
3. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros da cidade, saberia me dizer?
4. Você gosta de morar em Bacabal?
5. O que você mais gosta em Bacabal?
6. O que você acha que caracteriza o bacabalense?
7. Para as pessoas que não vivem em Bacabal, como você acha que elas imaginam que seja a cidade?
8. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de Bacabal? (caso o informante não seja específico, perguntar sobre o sotaque)
9. E aqui, dentro da cidade de Bacabal, você vê diferenças entre os diferentes bairros? (Se sim) você poderia dar alguns exemplos?
10. Há um discurso popular entre os brasileiros que afirma que os maranhenses falam o melhor português do Brasil. O que você acha disso?
11. Tem algum modo de falar que você acha assim bem bacabalense?
12. Como você acha que fala?
13. (Pronome pessoal Tu) O que você acha deste modo de falar: “tu comprou errado”?
14. Você fala desse modo?
15. (Caso o informante diga que não fala assim) Quem você acha que fala assim? O bacabalense fala assim?
16. (Concordância verbal de número) E o que você acha de “nós vai amanhã”?
17. Você fala desse modo?
18. (Caso o informante diga que não fala assim) Quem você acha que fala assim? O bacabalense fala assim?
19. (Concordância nominal de número) E o que você acha de “me dá dois pão”?
20. Você fala desse modo?
21. (Caso o informante diga que não fala assim) Quem você acha que fala assim? O bacabalense fala assim?

22. (Realização de /S/ em coda silábica – fricativa alveolar desvozeada) E o que você acha de “a li[s]ta e[s]tá dentro da pa[s]ta”?

23. Você fala desse modo?

24. (Caso o informante diga que não fala assim) Quem você acha que fala assim? O bacabalense fala assim?

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro das entrevistas de Santos (2015)

I. Primeira parte

BAIRRO (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir padrões de sociabilidade nos diferentes bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa.

1. Há quanto tempo você mora na (Calhau, Cohatrac, Cohab...)?
2. Você gosta de morar aqui?
3. Por que você escolheu morar neste bairro? (manter em mente que o informante pode não ter “escolhido” morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.)
 - a. (Se o informante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
 - b. (Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali) Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. Você conhece seus vizinhos?
5. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade?
6. Aqui costuma haver festas do bairro? Existe algum lugar no bairro em que as pessoas se reúnem?
7. As pessoas se ajudam por aqui?
 - a. Se você precisa de ajuda, a quem você recorre? Se você ficar doente, a quem você pode pedir para tomar conta de sua família?
8. Com quais pessoas você tem mais contato?
9. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?
10. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

INFANCIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade de São Luís; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre escolaridade

11. E como foi a sua infância (no bairro X)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?

a. brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?

b. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?

c. Vocês tinham alguma tradição de família?

12. Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou? Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?

13. Enquanto ainda era criança/adolescente, você ia pra outros lugares dentro da cidade de São Luís? (pra onde, pra fazer o quê...)

14. Que roupas você usava? Que tipo de corte de cabelo as pessoas usavam?

FAMILIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no bairro/cidade

15. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?”) Quantos anos eles têm?

16. Onde seus pais nasceram? (Se não são ludovicenses, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio pra cá). Quantos anos eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram pra São Luís? Você sabe por que eles vieram?

17. E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em São Paulo? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Têm contato sempre?)

18. Você é casado? Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

19. Quais são as pessoas que vivem na mesma casa que você?
20. Como é a vida em família hoje em São Luís?
- a. É muito diferente de quando você era criança? (Para os mais velhos)
 - b. É muito diferente do que seus pais contam para você? (Para os mais jovens)
 - c. Muitas pessoas falam que as crianças hoje são mal-educadas. O que você acha disso? Você acha que as crianças hoje têm menos respeito pelos adultos?
21. No passado, esperava-se que as mulheres ficassem em casa para tomar conta das crianças. E hoje, como é isso? Mudou?
- a. Em sua casa, os homens ajudam nos afazeres domésticos? O que você acha de um homem ficar em casa e cuidar dos filhos?
22. O que você acha da lei sobre casamento gay, que foi recentemente aprovada?

TRABALHO/OCUPAÇÃO (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas

23. Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)
24. Como você faz para chegar até o seu trabalho? Quais meios de transporte você utiliza?
25. O que você faz? Faz tempo que você trabalha nesse serviço?
26. Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)
27. Você se sente reconhecido no seu trabalho?
28. Você quer alcançar outro cargo? O que você almeja no seu trabalho?
29. Qual é a profissão dos seus sonhos?
30. Se você ganhasse na mega-sena, o que você faria?
31. As pessoas devem continuar trabalhando, mesmo se elas têm muito dinheiro?

LAZER (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

32. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?) Você acha que São Luís tem boas opções de lazer? Quais?

33. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)

34. Você tem alguma atividade de recreação em grupo, algum clube...?

35. Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de colégio?

36. Você costuma viajar? Pra que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

II. Segunda parte

A CIDADE DE SÃO LUÍS (aprox. 20 min.)

37. De acordo com dados do IBGE, São Luís possui o 12º maior parque industrial entre as 27 capitais do Brasil e é considerada, pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) como uma das melhores cidades, no país, para se trabalhar.³⁸

38. Você gosta de morar em São Luís? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?

39. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?

40. O que você acha que caracteriza o ludovicense (tanto as coisas boas quanto ruins)?

41. Olhando pra mim, você diria que eu sou ludovicense? Por quê?

42. O que você mais gosta em São Luís?

³⁸ Informações extraídas do site da prefeitura de São Luís, Disponíveis em: <http://www.saoluis.ma.gov.br/frmPagina.aspx?idpagina_web=2>. Último acesso em dezembro de 2013.

43. O que você não gosta em São Luís? (a depender do tópico mencionado pelo informante - violência, trânsito, poluição etc. - procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi

assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo deve fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada)) (explorar o subtópico por aproximadamente 10 min.)

44. Pras pessoas que não vivem em São Luís, como você acha que elas imaginam que seja a cidade? Qual é a imagem que as pessoas de fora de São Luís têm da cidade?

45. Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era ludovicense? (Se sim) como elas percebiam?

46. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de São Luís?

a. (Se sim) como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar tirar mais informações).

b. (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

PRODUÇÃO/PERCEPÇÃO/AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA (aprox. 10 min.)

47. Já que a gente está falando de sotaque... qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que (o paulistano/o carioca/o paraense/o caipira etc. – a depender dos sotaques mencionados) fala(m)?

48. Aqui em São Luís a gente vê a presença de imigrantes? (A depender da resposta dada pelo informante, perguntar se sabe de onde vem essas pessoas). Tem algum bairro específico em que eles se concentram? Hoje em dia, existem bairros étnicos em São Luís?

49. E como é que as pessoas falam na cidade de São Luís? (evitar usar a palavra “sotaque”)

50. Dentro da cidade de São Luís, a gente consegue identificar se a pessoa é de alguma região ou bairro específico da cidade? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos?

(Imprimir a lista de palavras, a notícia e o trecho, todos abaixo, para mostrar ao informante)

LISTA de PALAVRAS:

Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: “Agora eu queria te pedir pra ler algumas coisas. Eu tenho aqui uma lista de palavras, e eu queria que você lesse cada uma delas. Você pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler.” Esperar que o informante leia a lista de palavras. Depois perguntar:

136

51. A gente estava falando de sotaques agora há pouco... Como você acha que uma pessoa do interior falaria algumas dessas palavras? Tem diferenças?

52. E como um paulista/paulistano falaria algumas dessas palavras?

53. Tem mais algum sotaque no Brasil que você conhece?

LEITURA DE NOTÍCIA:

Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

LEITURA DE TRECHO:

Dizer ao informante: “Por último, queria que você lesse esse trequinho.” Esperar que o informante leia o trecho.

54. (Sobre /e/ nasal) O que você acha desse modo de falar: “Você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com “en” ditongado e exagerado). Se a pessoa manifestar uma atitude negativa, perguntar: Como você acha que deveria ser? O que tem de errado aí?

55. Quem você acha que fala assim? (se falar “paulistanos”, perguntar: “você acha que todos os paulistanos falam assim ou é uma coisa de uma região mais específica na cidade?”)

56. Você fala desse modo?

57. (Sobre concordância nominal) E o que você acha de “Me vê dois pastel e um chopps?” (Repetir as perguntas 52-53)

58. (Sobre /r/ retroflexo e tepe) E o que você acha de “A porta tá aberta.” (com retroflexo e tepe exagerados). (Repetir as perguntas 52-53).

59. E tem algum modo de falar que você acha assim bem ludovicense?

Palavras

alma

amargo

animação

argola

atitude

barqueiro

biscoito

cacique

carteiro

cerca

chácara

circo

cisne

curto

defender

discoteca

elefante

enchente

entender

entretenimento

erguer

fazenda
felicidade
firme
fornalha
furgão
fusquinha
geleira
gérmen de trigo
gordo
gula
Hércules
hilário
irmã
justiça
lento
mortadela Marba
mosca
necessidade
noite
orca
Ordem e progresso
orgânico
órgão
ostracismo
penteado
pertencimento
perto
porto
presente
rapidez
riqueza
sabor de menta
soberba

trabalho

turco

urgente

utilidade

vulto

zebra

Notícia

A Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (Caema) confirmou para as 9h desta quinta-feira (21), o início da manutenção elétrica preventiva do Sistema Italuís, interrompendo temporariamente o fornecimento de água para ao menos 150 bairros da capital maranhense.

De acordo com a assessoria da Caema, a manutenção deve durar até às 13h, atingindo aproximadamente 60% dos bairros da capital maranhense. O tempo para normalização do abastecimento de água é de até 72h, e a companhia também informou que a segunda etapa dessa manutenção acontecerá em 5 de julho, em horário ainda a ser definido.

Apesar de confirmar a manutenção, a assessoria da Caema informou que não foi realizado um levantamento para estimar quantas pessoas serão afetadas com a medida.

Trecho

Tá chovendo muito! Choveu tanto, tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa. Ó, pra você ver: Molharam todos os armários, a cama, os colchões, tudo... Foi um sacrifício... O que a gente fez? Nós tivemos que erguer os móveis pra limpar tudo: a geladeira, o forno... minha irmã até veio me ajudar, sabe? E meus filhos compraram umas cadeiras novas, mas é aquela coisa, assim... quando chover de novo, vai molhar tudo outra vez. Você fica sem ter o que fazer. E tem um rio lá perto que sempre alaga... quer dizer, é água dentro e fora de casa! Daí, o que acontece? Fica aquele trânsito, os carros todos parados, a gente demora um tempão pra chegar em casa... Não

aguento mais enchente nessa cidade... Agora que eu vou fazer? Os políticos falam, falam, mas eles tinham que fazer alguma coisa urgente. Você tá entendendo o que eu tô dizendo?

ANEXO B – Roteiro das entrevistas de Lopes (2019)

I PARTE - BAIRRO (aprox. 5 min.)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa

1. Há quanto tempo você mora na (Vila São João, Trizidela, Santos Dumont...)?
2. Você gosta de morar aqui?
3. Por que você escolheu morar neste bairro? (estar ciente que o informante pode não ter escolhido morar ali.)
 - a. Se o informante mora há bastante tempo: Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
 - b. Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali: Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. Você tem bastante contato com os vizinhos?
5. Já teve algum desentendimento com algum vizinho?
6. As pessoas daqui são solidárias?
7. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade de Bacabal; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre escolaridade

8. E como foi a sua infância (no bairro X)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?
 - a. brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
 - b. como eram os seus pais? eram rígidos...?
9. Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou?

10. Como foi a sua adolescência? você ia pra outros lugares dentro da cidade de Bacabal (pra onde, pra fazer o quê...)?

11. Qual era a sua preferência musical? Alguma música te marcou (qual, por quê...)?

FAMÍLIA (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no bairro/cidade

12. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?”) Quantos anos eles têm?

13. Você é casado? Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

14. E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em Bacabal? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Tem contato sempre?)

15. Como você acha que é a vida em Bacabal? Como era antigamente?

16. O que você acha sobre a criação das crianças de hoje? Está mais fácil ou mais difícil?

17. Como você vê o casamento atualmente? Mudou muito?

TRABALHO/OCUPAÇÃO (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas

18. Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)

19. O que você faz (função, cargo...)?

20. Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)

21. Você se dá bem com todos na empresa?

LAZER (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas

22. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?) Você acha que a cidade de Bacabal tem boas opções de lazer? Quais?

23. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)

24. Você tem alguma atividade de recreação em grupo, algum clube...?

25. Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de colégio?

26. Você costuma viajar? Pra que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

II. SEGUNDA PARTE – A CIDADE DE BACABAL (aprox. 10 min.)

27. Você gosta de morar em BACABAL? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?

28. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?

29. O que você acha que caracteriza o bacabalense (tanto as coisas boas quanto ruins)?

30. O que você mais gosta em Bacabal?

31. O que você não gosta em Bacabal? (a depender do tópico mencionado pelo informante - violência, trânsito, poluição etc. - procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo poderia fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada)) (explorar o subtópico por aproximadamente 10 min.)

32. Você deixaria a cidade de Bacabal para viver em outro lugar? (se sim, quais motivos levariam a tomar tal decisão)

33. Você considera a cidade de Bacabal violenta?

34. Sobre a atuação dos políticos na cidade, o legislativo trabalha em conjunto com o executivo?
35. Como você avalia a atuação do prefeito de Bacabal?
36. Pras pessoas que não vivem em Bacabal, como você acha que elas imaginam que seja a cidade? Qual é a imagem que as pessoas de fora de Bacabal têm da cidade?
37. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de Bacabal? a. (Se sim) como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar tirar mais informações).
- b. (Se não) quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

AVALIAÇÃO/ATITUDES LINGÜÍSTICAS (aprox. 10 min.)

38. E como é que as pessoas falam na cidade de Bacabal? (evitar usar a palavra “sotaque”)
39. E aqui dentro da cidade de Bacabal, você vê diferenças entre os diferentes bairros? (Se sim) você poderia dar alguns exemplos? (É normal as pessoas responderem que não, mas se responderem que sim, tente obter informações mais precisas)
40. Você acha que há pessoas de outros lugares que moram em Bacabal? Saberá dizer de quais lugares são essas pessoas?
41. (Sobre concordância) O que você acha desse modo de falar: “me dá dois pão” (bem exagerado). Se a pessoa manifestar uma atitude negativa, perguntar: Como você acha que deveria ser? O que tem de errado aí?
42. Quem você acha que fala assim? (se falar “bacabalense”, perguntar: “você acha que todos os bacabalenses falam assim ou é uma coisa de um bairro específico da cidade?”)
43. Você fala desse modo? (mostra o quão o fenômeno é estratificado socialmente)

44. (Sobre /r/ retroflexo) E o que você acha de “A porta tá aberta.” (com retroflexo exagerado).
45. (Sobre /r/ tepe) E o que você acha de “A porta tá aberta.” (com tepe exagerado).
46. (sobre variação indicativo/subjuntivo). E o que você acha de “você quer que pego.” (bem exagerado).
47. E tem algum modo de falar que você acha assim bem bacabalense?

LISTA DE PALAVRAS

Apresentar ao informante a lista de palavras e dizer: “Agora eu queria te pedir pra ler algumas coisas. Eu tenho aqui uma lista de palavras, e eu queria que você lesse cada uma delas. Você pode dar uma olhada primeiro, antes de começar a ler.” Esperar que o informante leia a lista de palavras.

LEITURA DE NOTÍCIA: Dizer ao informante: “Agora eu queria que você lesse esse texto. Você pode ler em voz baixa antes de falar em voz alta.” Esperar que o informante leia a notícia.

LEITURA DE TRECHO: Dizer ao informante: “Por último, queria que você lesse esse trequinho.” Esperar que o informante leia o trecho.

PALAVRAS

Arroz

Voz

Luz

Paz

Firme

Sagaz

Perto

Norte

Porta

Corda

Curto

Gasto
Pista
Custo
Lista
Os navios
Os novatos
Pasta
Testa
Nesta
Restante
Peste
Nordeste
Frustrante
Fresta
Lustre
Desdenhar
Elefante
Elevação
Problema
Mortadela
Propósito
Televisão

NOTÍCIA

20/06/2018

TSE decide por nova eleição em Bacabal

Por unanimidade, os ministros decidiram indeferir o pedido do registro de candidatura de Zé Vieira, que foi eleito com mais de 20 mil votos em 2016.

Depois de cerca de um ano e meio após assumir a Prefeitura de Bacabal, Zé Vieira (PP) teve sua votação nas eleições de 2016 anulada. A decisão é do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que julgou no fim da noite da terça-feira,

19, recurso do pepista contra decisões de base e do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) que indeferiram o pedido de registro de candidatura de Vieira.

Os ministros do TSE entenderam que a condenação em segundo grau de Zé Vieira, por improbidade administrativa e enriquecimento ilícito, o tornou inelegível por 3 anos e, por isso, não poderia concorrer no pleito de 2016.

A decisão na última instância da Justiça Eleitoral prevê a realização de novas eleições em Bacabal para a escolha do novo prefeito. Desde o início deste ano que o município vem sendo administrado pelo então vice-prefeito, Florêncio Neto, que assumiu após o Tribunal de Justiça determinar o afastamento de Zé Vieira do cargo.

Ainda cabe embargos de declaração a decisão do TSE. Somente após a análise de mais este recurso de Zé Vieira é que o tribunal determinará ao TRE do Maranhão a realização do pleito em Bacabal.

Fonte: Jornal *online* O Estado do Maranhão.

TRECHO

Tá chovendo muito! Choveu tanto, tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa. Ó, pra você ver: Molharam todos os armários, a cama, os colchões, tudo... Foi um sacrifício... O que a gente fez? Nós tivemos que erguer os móveis pra limpar tudo: a geladeira, o forno... minha irmã até veio me ajudar, sabe? E meus filhos compraram umas cadeiras novas, mas é aquela coisa, assim... quando chover de novo, vai molhar tudo outra vez. Você fica sem ter o que fazer. E tem um rio lá perto que sempre alaga... quer dizer, é água dentro e fora de casa! Daí, o que acontece? Fica aquele trânsito, os carros todos parados, a gente demora um tempão pra chegar em casa... Não aguento mais enchente nessa cidade... Agora que eu vou fazer? Os políticos falam, falam, mas eles tinham que fazer alguma coisa urgente. Você tá entendendo o que eu tô dizendo?